

C A T I V A R

Anteprojeto de renovação
e (re)adaptação de uma
estrutura fabril ociosa
na cidade de Vitória de
Santo Antão - PE



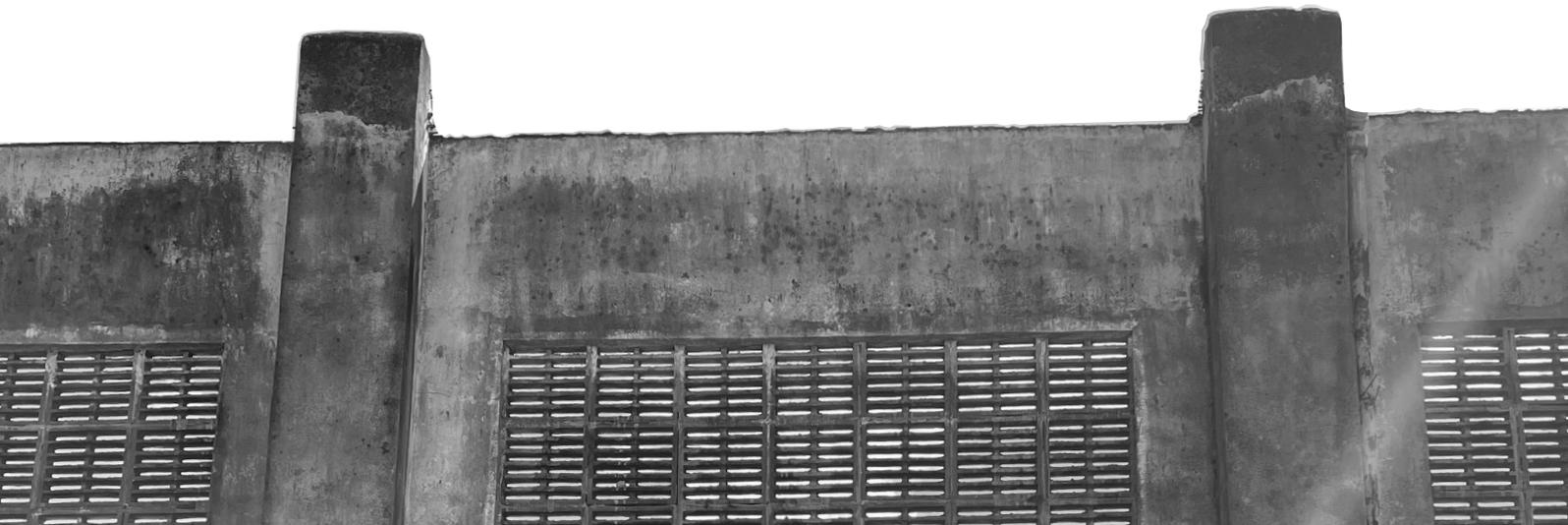
Discente: Misael dos Santos
Orientador: Luciano Lacerda Medina
UFPE - CAC - 2023.2



**CATIVAR: anteprojeto de renovação e
(re)adaptação de uma estrutura fabril ociosa na
cidade de Vitória de Santo Antão - PE.**

Trabalho de Graduação apresentado ao
Departamento de Arquitetura e
Urbanismo da Universidade Federal de
Pernambuco, como requisito para a
conclusão do curso, sob a orientação do
Professor Luciano Lacerda Medina.

Misael dos Santos da Silva Junior
Recife, 2024.



Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Silva Junior, Misael dos Santos da.

CATIVAR: anteprojeto de renovação e (re)adaptação de uma estrutura fabril ociosa na cidade de Vitória de Santo Antão - PE. / Misael dos Santos da Silva Junior. - Recife, 2024.

118 p. : il., tab.

Orientador(a): Luciano Lacerda Medina

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Arquitetura e Urbanismo - Bacharelado, 2024.

Inclui referências, apêndices, anexos.

1. Proposta de renovação. 2. Estrutura fabril ociosa. 3. Vitória de Santo Antão. 4. cativa. 5. indústria . I. Medina, Luciano Lacerda. (Orientação). II. Título.

720 CDD (22.ed.)

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, que sempre fizeram de tudo para que eu pudesse e conseguisse entrar e concluir esse curso, que me apoiaram de suas formas em tudo que eu precisasse;

A minha avó Tuta que não pôde ver todo esse processo e essa minha grande realização, mas sei que em algum lugar estava me observando e torcendo por mim;

Ao meu namorado Rafael que sempre esteve ao meu lado me motivando e me acompanhando nesse momento final da graduação, e sendo meu maior apoio nesse cansativo processo;

A todos amigos e familiares que sempre torceram por mim, que me ajudaram ao longo desses anos.
Aos amigos de curso em especial ao meu GE, Helena, Carol, Lívia, Vinicius, Rafaela e Willyane, que foram meus companheiros até o fim, vocês foram essenciais para eu chegar até aqui, vivi momentos incríveis com vocês, mesmo à distância;

Em especial venho agradecer a Anna Flavia, você foi e é muito importante para mim, não sei se conseguiria finalizar mais essa etapa sem sua ajuda e amizade, quero te levar por toda minha vida;

Não poderia deixar de agradecer aos professores por todo conhecimento passado ao longo desses anos. Em especial Luciano Medina, que me orientou neste trabalho final;

Muito obrigado a todos que torceram e me ajudaram ao longo desse processo, saibam que vocês fizeram essa caminhada ser bem mais leve, Obrigado!

APRESENTAÇÃO

A Revolução Industrial trouxe consigo uma série de mudanças não só no âmbito do pensamento industrial, mas principalmente na sua forma de produzir espaços. O acelerado processo de construção de fábricas trouxe para essa categoria uma grande importância no que se refere ao desenvolvimento econômico das cidades, o que interferiu diretamente no seu tecido urbano. Percebe-se, em contrapartida, que o ritmo frenético das cidades contemporâneas, em seu processo constante de transformações em seu espaço edificado, tendeu a “deixar de lado” essas edificações, voltando o seu olhar para a construção de novos espaços enquanto outros se tornam obsoletos e até esquecidos/abandonados.

Diante dessa problemática, o questionamento que surge é em como aproveitar essas estruturas de forma a reinserí-las dentro do contexto da cidade, considerando sua importância enquanto símbolo de épocas anteriores.

Assim, a partir do propósito de demonstrar a intervenção como ferramenta de ressignificação de espaços, propõe-se um anteprojeto para o conjunto fabril da desativada Cativa, situada na cidade de Vitória de Santo Antão - PE.

O trabalho apresentado é resultado das disciplinas de Trabalho de Conclusão de Curso I e II, do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pernambuco, e foi elaborado entre os anos de 2023 e 2024, sob a orientação do Professor Arquiteto Luciano Lacerda Medina.



LISTA DE FIGURAS

| | | |
|-----------------------|---|-------------|
| Figura 01 | Contexto da revolução industrial. | 14 |
| Figura 02 | Industrial de azulejos S.A. | 15 |
| Figura 03 | Fábrica Tacaruna. | 15 |
| Figura 04 | Prédio Segadas Vianna, abandonado no Bairro de Santo Antônio - Recife. | 17 |
| Figura 05 | Edifício abandonado na Av. Martins de Barro, Recife. | 17 |
| Figura 06 | Revitalização, antiga fabrica de vidro, Eslovênia. | 21 |
| Figura 07 à 12 | Sesc Pompeia. | 26, 27 e 28 |
| Figura 13 | Fábrica da Macaxeira, antes da reforma. | 30 |
| Figura 14 | Fábrica da Macaxeira, fachada preservada. | 31 |
| Figura 15 | Fábrica da Macaxeira, atual escola. | 31 |
| Figura 16 | Fábrica da Macaxeira, vista interna. | 31 |
| Figura 17 | Parque Urbano da Macaxeira. | 31 |
| Figura 18 | Antigo Mercado da Farinha, Vitória - PE. | 34 |
| Figura 19 | Antiga Estação Ferroviária, Vitória - PE. | 35 |
| Figura 20 | Fábrica Pitú, Vitória - PE. | 37 |
| Figura 21 | Fábrica Mondeléz internacional, Vitória - PE. | 38 |
| Figura 22 | Fábrica Brasil Foods, Vitória - PE. | 38 |
| Figura 23 | Fábrica Docile, Vitória - PE. | 38 |
| Figura 24 | Áreas interna e externa da Pinacoteca do Estado de São Paulo. | 39 |
| Figura 25 | Entorno da Cativa, Vitória - PE. | 41 |
| Figura 26 | Entorno da Cativa, Vitória - PE. | 41 |
| Figura 27 | Hierarquia viária. | 42 |
| Figura 28 | Entorno da Cativa, Vitória - PE. | 43 |
| Figura 29 | Entorno da Cativa, Vitória - PE. | 43 |
| Figura 30 | Parte interna da Cativa, Vitória - PE. | 43 |
| Figura 31 | Entorno da Cativa, Vitória - PE. | 44 |
| Figura 32 | Entorno da Cativa, Vitória - PE. | 44 |
| Figura 33 | Parte interna da Cativa, Vitória - PE. | 44 |
| Figura 34 | Entorno da Cativa, Vitória - PE. | 44 |
| Figura 35 | Esquema implantação. | 53 |
| Figura 36 | Esquema zoneamento. | 55 |

LISTA DE FIGURAS

| | | |
|------------------|--|----|
| Figura 37 | Marcação dos pilares. | 57 |
| Figura 38 | Cobogós na fachada. | 58 |
| Figura 39 | Espaços externos. | 61 |
| Figura 40 | Escalonamento. | 63 |
| Figura 41 | Escola. | 66 |
| Figura 42 | Escola. | 66 |
| Figura 43 | Quadra poliesportiva. | 69 |
| Figura 44 | Quadra poliesportiva. | 69 |
| Figura 45 | Pavilhão de eventos. | 72 |
| Figura 46 | Pavilhão de eventos, vista externa. | 72 |
| Figura 47 | Fachada do auditório. | 75 |
| Figura 48 | Auditório. | 75 |

SUMÁRIO

| | | |
|-------------|---|----|
| 01 | Introdução | 10 |
| 02 | A arquitetura industrial | 12 |
| 2.1 | Da origem ao declínio | 13 |
| 2.2 | A existência de vazios urbanos | 16 |
| 2.3 | A reintegração do patrimônio industrial | 19 |
| 03 | Estudos de caso | 24 |
| 3.1 | O SESC Pompeia | 25 |
| 3.2 | A Fábrica da Macaxeira | 29 |
| 04 | O objeto de estudo | 32 |
| 4.1 | A obsolescência em Vitória de Santo Antão | 33 |
| 4.2 | A realidade fabril da cidade | 36 |
| 4.3 | O entorno da Cativa | 40 |
| 05 | O projeto | 45 |
| 5.1 | Programa | 47 |
| 5.2 | Conceito | 49 |
| 5.3 | Implantação | 51 |
| 5.4 | Zoneamento | 54 |
| 5.5 | Volumetria | 56 |
| 5.6 | Espaço externo | 59 |
| 5.7 | Partido arquitetônico | 62 |
| 5.8 | Escola | 64 |
| 5.9 | Quadra poliesportiva | 67 |
| 5.10 | Pavilhão | 70 |
| 5.11 | Auditório | 73 |

SUMÁRIO

| | | |
|-----------|----------------------------------|----|
| 06 | Considerações finais | 76 |
| 07 | Referências bibliográficas | 78 |
| 08 | Apêndices | 81 |

INTRODUÇÃO

01

O estudo em questão, de início, foca-se na pauta da ociosidade e decadência de bens fabris edificados, entendendo-os enquanto símbolos de épocas de grande desenvolvimento econômico, social e cultural, mas que, com o tempo e por diversas razões, acabaram perdendo o seu significado.

No caso em questão (o conjunto da Cativa, situado em Vitória de Santo Antão - PE), a proposta de se criar um centro multiuso que atenda às demandas da população circundante se torna foco.

Sendo assim, o objetivo geral do trabalho é elaborar um anteprojeto para a requalificação e consequente reintegração ao tecido urbano do conjunto edificado da antiga Fábrica da Cativa, reaproveitando de sua estrutura fabril já existente, trazendo uma intervenção que integre o antigo e o novo, o industrial e o contemporâneo.

Os objetivos específicos, então, se resumem a contextualizar questões que se relacionam com a produção, declínio e preservação de patrimônios industriais, entendendo-os como símbolos; analisar demandas do entorno de modo a definir as necessidades e programa do projeto; investigar casos de projetos já antes realizados em estruturas fabris de modo a estabelecer diretrizes para a proposta em questão.

O projeto, então, se desenvolve a partir de reflexões sobre edificações fabris, junto à percepção de necessidade de se construir, na área, um espaço dinâmico e interativo.

Desse modo, o primeiro capítulo busca entender a arquitetura industrial enquanto fenômeno, compreendendo seus processos de vida, desde sua origem ao seu declínio, refletindo sua atuação enquanto possível vazão urbano até os seus processos de revalorização, se tornando um patrimônio.

Em um segundo momento, estudos de caso foram realizados de modo a entender como intervenções nesse tipo edilício são realizadas.

É a partir disso que se inicia o processo de análise do objeto de estudo. A cidade é entendida enquanto berço de novidades e mudanças, abrigando usos e atividades distintas, encontrando-se a Cativa como um abandono diante de um contexto agitado.

Isso guia a última parte do trabalho, que se pauta no estabelecimento de diretrizes para o anteprojeto, o que, além de pontuar o valor histórico do conjunto, possibilita que ele se desenvolva a partir de um olhar de reinserção à rotina da população. Os equipamentos, programas e espacialização em planta são definidos, tendo em vista os benefícios que essa implantação pode trazer para o entorno.

Como resultado, apresenta-se o anteprojeto de renovação e (re)adaptação para o antigo conjunto da Cativa, que surge a partir de análises e estudos de usos, contexto e demandas.

A ARQUITETURA INDUSTRIAL

02

DA ORIGEM AO DECLÍNIO

2.1

Ao refletir sobre a definição do termo “indústria”, Rykwert (2004) classifica-a como a indicação de um grupo de pessoas que se dedica a alguma forma de produção. A partir disso, pode-se considerar que a atividade industrial se relaciona a processos produtivos que se realizam de uma forma sistemática, exigindo matéria-prima, diferentes técnicas, mão de obra e espaço físico.

É dentro desse contexto que surgem as construções industriais, particularmente as fábricas, que acomodam, em sua origem, os recursos para a transformação de matéria prima em produto. Esse tipo de construção, tendo origem em tempos antigos, tem como característica reunir propósitos produtivos e comerciais, acomodando diferentes atividades e formas de funcionamento.

Pode-se perceber, ainda, que a Revolução Industrial exerce um importante papel para a consolidação desse tipo construtivo, ao marcar uma época que afetou, além de tudo, a agricultura, os meios de transporte e a comunicação. A partir de um novo modelo de pensamento industrial e capitalista, as cidades passam por processos de modificação que exigiram, em seu território, a existência de fábricas espalhadas pelos solos urbanos.

A “cidade industrial” se cria em um cenário de desenvolvimento, onde a maior preocupação era, de acordo com Castro (2013), produzir um ambiente funcional que se apropriasse dos espaços da cidade de forma racional. Sendo assim, o autor afirma que, mesmo

que os urbanistas tenham se esforçado para criar uma estrutura orgânica, não houve uma preocupação ambiental e paisagística nesse processo, o que resultou, muitas vezes, em estruturações de malhas quadriculadas em que a falta de hierarquia e a monotonia imperavam.

Figura 01: Contexto da revolução industrial.



Fonte: Revista digital, 2023.

A partir do século XX, com o acontecimento da Segunda Guerra Mundial e a resultante existência de áreas física e socialmente degradadas, percebeu-se a necessidade de intervir na cidade existente, uma vez que esta não encontrava mais recursos para a auto-regeneração. Com isso, políticas urbanas de reconstrução e recuperação foram desenvolvidas, adotando princípios “modernos” que pudessem permitir às cidades a sua expansão e

prolongamento futuro, de acordo com necessidades estruturais e funcionais, considerando também suas diversas escalas.

“A cidade é uma complexa criação da sociedade, cristaliza os processos sociais a sua configuração física vai refletindo a mudança desses processos conservando o seu testemunho e adquirindo, por essa via, carácter próprio que enraíza e constrói a identidade dos seus habitantes, estimula e organiza os modos de vida e os comportamentos coletivos e individuais e influi nos sucessivos modos da transformação urbana. (...) De que cidade dispomos hoje? – De um conjunto de tecidos urbanos incoerentes onde se misturam, sem se ligarem, periferias, bairros novos (urbanizações) Introdução da Máquina a Vapor e Produção em massa restos mutilados do casco pré-industrial e algumas “ilhas”, mais ou menos degradados física e funcionalmente (...)” (LNEC,1234:2).

Desse modo, é possível compreender que o processo de reestruturação industrial, juntamente às novas tecnologias e o processo de globalização, transformou as economias, de modo a fazer das cidades um ambiente não mais centralizado, mas polarizado. Os limites citadinos se tornam diferentes, e áreas antes consideradas periféricas agora fazem parte do núcleo central da cidade, considerando os usos presentes e seus níveis de dinâmica. Dentro desse cenário os ambientes industriais, antes concentrados em um só território, passam por um processo de abandono, que resulta em vazios urbanos

desqualificados, sendo estes “susceptíveis de serem aproveitados para novos usos” (CASTRO, 2013).

Figura 02: Industrial de azulejos S.A.



Fonte: Algo mais, 2018.

Figura 03: Fábrica Tacaruna.



Fonte: Diário de Pernambuco, 2014.

A EXISTÊNCIA DE VAZIOS URBANOS



Resultante de todo esse processo de modificações, percebe-se a existência, no tecido das cidades contemporâneas, de estruturas fabris abandonadas e/ou obsoletas, não mais cumprindo a função social que anteriormente a caracterizavam. Os vestígios materiais dessas estruturas, então, tornam-se subprodutos do desenvolvimento industrial, se transformando em ambientes esquecidos ou até mesmo destruídos.

O crescimento urbano das cidades, juntamente com a descentralização de atividades tende a motivar o processo de degradação de imóveis industriais, que se convertem em ruínas no tecido. Essas estruturas, então, se revelam enquanto vazios urbanos sem valor de uso que se excluem da dinâmica da cidade e acabam sendo esquecidas ao passar do tempo, necessitando de uma apropriação para que novos valores sejam atribuídos e, conseqüentemente, sejam reinseridos no cotidiano urbano (SAMPAIO, 2022).

Figura 04: Prédio Segadas Vianna, abandonado no Bairro de Santo Antônio - Recife.



Fonte: Alex Oliveira, 2022.

Ao se apresentarem enquanto lugares indefinidos, os edifícios industriais abandonados encontram, paradoxalmente, em sua problemática a sua grande potencialidade: a de ser uma oportunidade futura. Além de espaços residuais, se tornam expectativas de futuro, do que há de vir, do que pode ser feito para o seu renascimento enquanto parte pertencente de um funcionamento citadino.

Figura 05: Edifício abandonado na Av. Martins de Barro, Recife.



Fonte: Jornal do comércio, 2021.

A cidade é, por definição, uma justaposição de construções de diferentes tempos que coexistem em possibilidades ilimitadas. As estruturas ociosas, dentro disso, se desenvolvem de forma profunda não só em seu físico, mas principalmente no imaginário coletivo, que prospecta sobre o que aquele ambiente pode se transformar (SAMPAIO, 2022).

Dessa forma, ao se refletir sobre mudanças e possibilidades em vazios urbanos, a intervenção arquitetônica se revela enquanto passo fundamental de concretização da reintegração ao

conjunto edificado já consolidado na cidade. O profissional, dentro desse contexto, torna-se responsável por remover a ociosidade do espaço sem que ele se torne apenas mais um elemento dentro da composição da paisagem.

As atitudes projetuais, então, devem se realizar de forma sensível e consciente, considerando o contexto, as pré-existências, os vestígios e a gama de significados que o território circundante envolve. A construção de uma nova identidade é necessária, ao mesmo tempo em que não se deve apagar o legado anterior da edificação.

A REINTEGRAÇÃO DO
PATRIMÔNIO INDUSTRIAL

2.3

A partir de meados do século XX, não só o patrimônio industrial passou a ser revalorizado, como foi criada e desenvolvida uma nova ciência histórica chamada de Arqueologia Industrial, que consiste no estudo, levantamento, análise e, em alguns casos, resguardo e reutilização do patrimônio industrial (MENDES, 2000).

Com base na urgente necessidade de reconstrução do que havia sido destruído pela segunda guerra, deu-se início a um processo de desenvolvimento acelerado, durante o qual foi observada uma crescente considerável no âmbito da construção de infraestruturas. Essa dinâmica de crescimento desordenado levou, à época, à destruição de diversas estruturas de significativo valor, não só histórico e patrimonial, como simbólico.

Entretanto, foi possível notar que, à época, autores começaram a despertar a sua atenção para esse tipo de patrimônio ao perceber suas potencialidades históricas, culturais e econômicas. Este tipo edilício foi então considerado não só como parte integrante do patrimônio cultural, como também objeto de uma nova ciência.

Desse modo, a partir dos anos 60 e 70, as questões relacionadas com o patrimônio industrial começaram a ser consideradas e estudadas (MENDES, 2000). É a partir desse desenvolvimento intelectual que as antigas instalações fabris começaram a ser visadas enquanto estruturas de reutilização, preservação e requalificação.

No cenário industrial, a ruína permanece

na cidade, mas se torna descontextualizada dentro do meio em que se insere, em busca de um novo uso. É dentro disso que se desenvolvem cartas durante o século XX com o objetivo de regular os espaços industriais. A Carta de Atenas (1933), por exemplo, pensa o patrimônio cultural e insere os espaços industriais em sua análise e, juntamente à Carta de Veneza (1964), elabora uma série de parâmetros que devem ser adotados internacionalmente com o objetivo de preservar monumentos que carreguem em si uma herança arquitetônica, de modo a transmitir, em tempos futuros, os seus valores.

“O patrimônio industrial deve ser considerado como uma parte integrante do patrimônio cultural em geral. Contudo, a sua protecção legal deve ter em consideração a sua natureza específica. Ela deve ser capaz de proteger as fábricas e as suas máquinas, os seus elementos subterrâneos e as suas estruturas no solo, os complexos e os conjuntos de edifícios, assim como as paisagens industriais. As áreas de resíduos industriais, assim como ruínas, devem ser protegidas, tanto pelo seu potencial arqueológico como pelo seu valor ecológico (...) (TAGIL, 2003:4)” e “ (...) a adaptação de um sítio industrial a uma nova utilização como forma de se assegurar a sua conservação é em geral aceitável salvo no caso de sítios com uma particular importância histórica. As novas utilizações devem respeitar o material específico e os esquemas originais de circulação e de produção, sendo tanto quanto possível compatíveis com a sua anterior utilização. É recomendável uma adaptação que evoque a sua antiga atividade.” (TAGIL, 2003:5)

Castro (2013) afirma que, de acordo com a carta de Nizhny Tagil (2003) sobre o patrimônio, deve-se identificar os espaços mais ameaçados e definir programas, de modo a reinserir esses ambientes ociosos à dinâmica citadina e evitar a sua degradação. Dessa forma, é possível notar a necessidade de se atribuir funções que permitam a sua reinserção de maneira orgânica e duradoura, de acordo com a vivência presente na realidade da cidade.

A questão então, seria o como. Como preservar esses bens, na maioria dos seus casos abandonados, de forma a evitar o seu desaparecimento? É diante desse questionamento que se discute o reuso do patrimônio industrial como meio para a sua preservação. Relacionado a isso, analisa-se o uso como característica intrínseca de bens culturais. Castore (2012) afirma que diversos edifícios da antiguidade se preservaram até os dias atuais devido à continuidade de uso, apesar de ter sofrido transformações radicais para a adaptação a novas funções.

Assim, pôde-se perceber que as questões de uso tinham como principal objetivo a adequação dos bens às necessidades contemporâneas, sendo considerado um meio e não um fim. Isso se fundamenta, por exemplo, nas primeiras teorias preservacionistas elaboradas no século XIX, por Viollet Le Duc na França, em que a questão do uso é abordada de uma forma diferente, compreendendo-o como um meio necessário para que o patrimônio possa ser preservado, mas não sendo objetivo final das intervenções de restauro.

De todo modo, o melhor meio para conservar um edifício é encontrar-lhe uma destinação, e satisfazer plenamente a todas as necessidades que esta destinação impõe, de tal modo que não seja necessário imprimir-lhe nenhuma mudança” (VIOLLET-LE-DUC, 1996, p. 26)

Alois Riegl, no começo do século XX, enfatiza as ideias de Le Duc ao dar um maior destaque à questão do uso no campo da preservação do patrimônio histórico. Ele, ao criar uma teoria para embasar a reformulação da legislação de conservação dos monumentos austríacos, estabelece princípios para a preservação com pauta nos valores que a sociedade atribui aos monumentos. O autor, então, divide-os entre valores de rememoração e valores de contemporaneidade.

Figura 06: Revitalização, antiga fabrica de vidro, Eslovênia.



Fonte: Archdaily, 2023.

Em relação ao valor de uso, ele ressalta os possíveis conflitos que podem surgir em relação aos valores de antiguidade e rememoração, em base ao qual ele fundamenta a sua proposta legislativa, revelando o peso que o valor de uso tende a assumir em edificações antigas que mantém uma função até a atualidade. Nesse contexto, a utilização contínua de um monumento possui, portanto, uma importância considerável também para o valor de antiguidade, uma vez que continua dando significado às obras que, por diversos motivos, poderiam acabar se transformando em ruínas.

Além desses autores, ainda nota-se embasamento na Carta de Atenas (1931) que, influenciada pelas teorias preservacionistas de matriz italiana, se torna o primeiro documento internacional no campo da preservação, apontando a necessidade de se manter “sempre uma utilização dos monumentos de modo a assegurar a continuidade da sua vida” (CARTA de Atenas, 1931, p. 1).

A partir da publicação desses estudos, foram desenvolvidas elaborações teóricas no campo do restauro, que conduziram à definição de novas linhas de pensamento sobre o patrimônio (sendo inserido, dentro dessa linha, o patrimônio industrial), em que a ação de preservação se pauta em conotações culturais.

Na verdade, quando se tratar de produtos industriais – entendendo-se isso na mais ampla escala, que parte do mais diminuto artesanato –, o escopo da restauração será evidentemente restabelecer a funcionalidade do produto, estando, por isso, a natureza da intervenção de restauro ligada de forma exclusiva à realização desse fim. Mas, quando se tratar, ao contrário, de obra de arte, mesmo se entre as obras de arte haja algumas que possuam estruturalmente um objeto funcional, como as obras de arquitetura e, em geral, os objetos da chamada arte aplicada, claro estará que o restabelecimento da funcionalidade, se entrar na intervenção de restauro, representará, definitivamente só um lado secundário ou concomitante, e jamais o primário e fundamental que se refere à obra de arte como obra de arte. (BRANDI, 2004, p. 26).

Desse modo, enquanto os teóricos e cartas afirmam a importância da integração do patrimônio arquitetônico na vida contemporânea como método para a sua preservação, através do estabelecimento de funções adequadas em edifícios sem uso, a prática mostra que, na maioria das intervenções atuais, o uso se tornou uma espécie de instrumento para alcançar objetivos que vão além do físico e das questões estruturais, mas se tornam ações de recuperação do patrimônio, envolvendo questões sociais, econômicas e culturais (CASTORE, 2012).

No caso do patrimônio industrial em específico, nota-se, de acordo com Castore (2012), a dificuldade em reconhecê-lo como bem cultural, devido à sua proximidade temporal e às técnicas de construção dos edifícios industriais, que não tomam como base

projetual intenções plásticas ou estéticas, satisfazendo apenas necessidades práticas e funcionais.

Em contrapartida, é possível analisar que, pela sua configuração, os edifícios industriais apresentam um nível de versatilidade formal e espacial que permite a sua adaptação a múltiplos usos. Por outro lado, o forte potencial econômico que se liga, muitas vezes, à função estratégica que as antigas áreas industriais adquiriram na cidade contemporânea, acaba gerando pressões especulativas que resultam na escolha de uma ou outra intervenção, assim como na adaptação a novos usos.

É preciso, então, que os novos usos considerem as demandas contemporâneas e, para isso, o restaurador precisa, além de solucionar problemas estruturais e materiais, conseguir incluir o aspecto de “utilidade” que um edifício dessa categoria necessita. É necessário, ainda, compreender seus valores históricos e estéticos, escolhendo estratégias compatíveis com sua utilização originária e com seus valores enquanto símbolo e representação de diferentes épocas. Como exemplificação dos conceitos expostos, serão analisadas, a seguir, duas propostas de reutilização de estruturas fabris com a instalação de novos usos.

ESTUDOS DE CASO

03

O SESC POMPEIA

3.1

De modo a ilustrar intervenções bem sucedidas em sítios industriais, analise-se, inicialmente, o Sesc Pompeia. Ao se situar na Rua Clélia, 93 - Barra Funda - São Paulo, o Sesc foi implantado em uma fábrica construída em 1938 pela empresa alemã de tambores Mauser e Cia. Em 1977, a arquiteta Lina Bo Bardi começa a redesenhar os prédios da antiga fábrica, que só veio a ser inaugurada por completo em 1986.

Para o desenvolvimento do projeto, Bo Bardi preservou a estrutura pré-existente nos dois prédios. Os rebocos foram retirados e em suas paredes foram aplicados jatos de areia. As características industriais transparecem em cada ambiente projetado. Os tijolos não revestidos, as tubulações aparentes e os detalhes em ferro pintados de vermelho trazem à obra um caráter único.

Figura 07: Sesc Pompeia.



Fonte: Archdaily, 2013.

Figura 08: Sesc Pompeia.



Fonte: Archdaily, 2013.

Figura 09: Sesc Pompeia.



Fonte: Archdaily, 2013.

O objetivo do conjunto se pauta no princípio de ser um lugar totalmente popular, que conseguisse valorizar o simples e preservar uma parte da memória da cidade. A arquiteta fortalece, a partir das suas atitudes projetuais, as iniciativas culturais que já estavam apropriadas nas instalações, aprimorando estruturas já existentes.

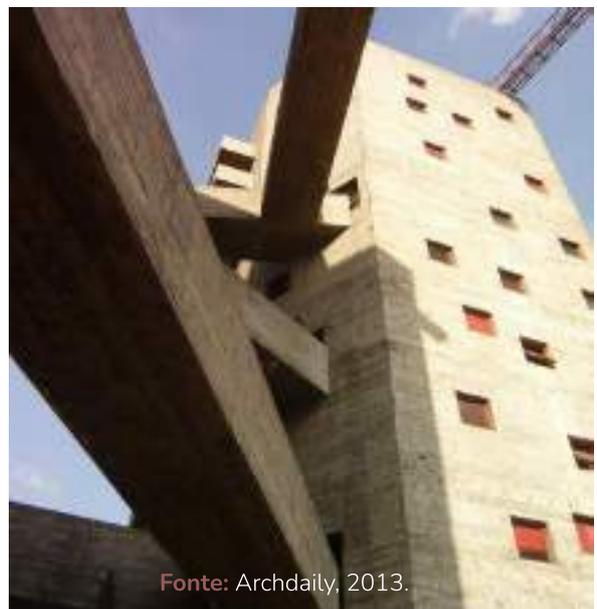
Os galpões fabris foram ocupados com elementos que estimulam o encontro, o respeito e o convívio, possuindo um lago, lareira e lajes para estudos que se fazem presentes na área de convivência. Os programas culturais existentes nesses abrangem educação e arte, onde se desenvolvem cursos, shows musicais e exposições temporárias. Além disso, um conjunto esportivo foi pensado para ser uma edificação que pudesse contrastar com o espaço da antiga fábrica.

O anexo de dois novos prédios, um em cada margem do córrego da Água Preta, traz ainda mais imponência à obra. Suas janelas são irregulares, com a existência de grandes espaços abertos que permitem a entrada de luz natural e a ventilação cruzada.

Foi um feliz encontro entre programa e projeto. Lina conseguiu entender e, sobretudo, acreditar no programa que o Sesc São Paulo desenvolvia e desejava ampliar com aquele novo espaço. Ela soube traduzir as pautas da ação do Sesc em seu projeto arquitetônico, para antiga fábrica, apresentando soluções que são hoje reconhecidas no mundo inteiro. (CARNIETO, 2022)

Com toda a sua estética brutalista, o Sesc Pompeia é uma proposta relevante enquanto representação de intervenção em edificação fabril. Sua simplicidade em concreto harmoniza com os tijolos aparentes da antiga fábrica. Os materiais utilizados são pensados de maneira equilibrada, de modo a distinguir a presença de tempos e de técnicas distintas.

Figura 10: Sesc Pompeia.



Fonte: Archdaily, 2013.

Figura 11: Sesc Pompeia.



Fonte: Archdaily, 2013.

De acordo com Ferraz (2008), reabilitar uma antiga fábrica, testemunho do trabalho humano, de modo a transformá-la em um centro de lazer sem apagar essa história preexistente, trazia ao Sesc Pompeia um simbolismo. Por isso, o cuidado se deu em recuperar as estruturas deixando o máximo possível de vestígios da antiga fábrica evidente aos olhos dos transeuntes. Não só o físico existente foi conservado (pisos, paredes, telhados), como também as novas linguagens aplicadas nas instalações foram pensadas de forma respeitosa e criteriosa, mantendo a essência do ambiente fabril.

Figura 12: Sesc Pompeia.



Fonte: Archdaily, 2013.

A FÁBRICA DA MACAXEIRA

3.2

Por volta de 1895, surge no bairro da Macaxeira, no lugar que antes abrigava o sítio de macaxeira, a Fábrica de Tecido de Apipucos. O empreendimento, a princípio, era uma pequena fábrica de panos de estopa utilizados para ensacar açúcar. Em 1924, a fábrica é comprada por um comerciante e é transformada na Fábrica de Tecidos Bezerra de Melo, transformando-a em um polo maquinário que modernizou a fabricação de tecidos em Pernambuco.

A fábrica e seu entorno foi, durante muito tempo, responsável pelo povoamento e desenvolvimento da região, uma vez que promoveu a geração de empregos, o que consequentemente oportunizou a instalação de casas ao redor. Com o crescimento da fábrica, o bairro foi se desenvolvendo e foi iniciada a construção de um complexo fabril.

Figura 13: Fábrica da macaxeira, antes da reforma.



Fonte: ETE Miguel Batista, 2014.

Porém, a partir do falecimento do empresário responsável pelo funcionamento da fábrica nos anos 80, o empreendimento industrial passou a ser administrado por herdeiros, chegando ao seu fechamento em 1992, o que faz a vila perder o seu caráter operário. O que resta, então, é um imenso patrimônio que ficou abandonado durante anos.

A área de 10 hectares se tornou inutilizada por quase 30 anos, se tornando um considerável retrato do abandono na cidade. Em novembro de 2012, então, no local começa a ser construído o Parque Urbano da Macaxeira, juntamente ao retorno do prédio da fábrica, que agora abriga a Escola Técnica Estadual Miguel Batista. Em seu projeto de restauro, toda a sua estrutura externa foi preservada devido ao seu valor histórico. A estrutura conta com um pátio central de convivência com bancos que visam promover a socialização dos alunos.

É possível perceber que o seu projeto de restauro, que foca na preservação completa da estrutura, conseguiu possibilitar e renovar a dinâmica antes perdida no território. Na área, atualmente, são promovidas diversas ações que se voltam para a comunidade, com diversas apresentações artísticas e culturais que envolvem as estruturas da antiga fábrica enquanto local de promoção de diversidade.

Figura 14: Fábrica da Macaxeira, fachada preservada.



Fonte: ETE Miguel Batista, 2014.

Figura 16: Fábrica da Macaxeira, vista interna.



Fonte: ETE Miguel Batista, 2014.

Figura 15: Fábrica da Macaxeira, atual escola.



Fonte: ETE Miguel Batista, 2014.

Figura 17: Parque Urbano da Macaxeira.



Fonte: Folha PE, 2014.

O OBJETO DE ESTUDO

04

A OBSOLESCÊNCIA EM
VITÓRIA DE SANTO ANTÃO

4.1

Ao se analisar, inicialmente, a cidade de Vitória de Santo Antão, em que o objeto de estudo se insere, pode-se perceber que o ritmo frenético da vida contemporânea acabou por desencadear diversos acontecimentos em seu tecido urbano. A necessidade de se produzir novos espaços e usos faz com que novas construções sejam erguidas de forma constante, modificando a paisagem e adensando-a cada vez mais.

Ainda que o setor da construção civil seja entendido como um “termômetro da economia urbana” (SAMPAIO, 2022), em uma situação de constante adensamento construtivo existente nas cidades, desconsiderar edifícios existentes em prol da produção de novos se torna um fator problemático, levando em conta a situação de saturação que as áreas urbanas se encontram nos dias atuais.

Diante desse cenário, perceber as edificações não como objetos arquitetônicos descartáveis mas como estruturas passíveis de requalificações se torna ponto fundamental para reincorporar esses “vazios urbanos”.

Figura 18: Antigo Mercado da Farinha, Vitória - PE.



Fonte: Misael dos Santos, 2023.

Assim, o surgimento de edificações ociosas pode se desencadear de duas formas, de acordo com Sampaio (2022). Segundo a autora, a primeira delas se refere a edifícios abandonados, que chegaram a ter uso um dia, fazendo parte da dinâmica espacial do seu entorno, mas posteriormente, por diversos motivos, passaram a ser inutilizados. Tais edificações, então, perdem seu valor social, entrando em um ciclo de dívidas públicas que prejudicam a vida útil do edifício, resultando na sua obsolescência.

A segunda forma consiste na visão dos edifícios inconclusos. Isso acontece quando uma edificação começa a ser erguida mas não chega a ter sua obra finalizada, não atingindo o seu uso proposto e se transformando em um objeto ocioso no estoque edificado da cidade. Tal condição, muitas vezes, se atribui à inviabilidade econômica de finalização do imóvel ou até ao não cumprimento da legislação que regulamenta os parâmetros construtivos da edificação.

Nos dois casos, então, as edificações ficam inutilizadas e acabam por não participar do ciclo produtivo da cidade, perdendo o seu valor de uso e conseqüentemente a sua função social. Nesse ciclo, as edificações acabam por decair e assumir usos informais, sendo, muitas vezes, ocupados por uma parcela mais abastada da população, que enxerga nesses espaços abandonados uma oportunidade de ter um teto para se abrigar.

Sendo assim, essa realidade se revela

no contexto citadino de Vitória de Santo Antão, que apesar de distribuído e povoado, ainda conta com prédios e áreas abandonadas ao longo de seu tecido.

Figura 19: Antiga Estação Ferroviária, Vitória - PE.



Fonte: Google maps, 2012.

A REALIDADE FABRIL DA CIDADE

4.2

É possível destacar, ainda no contexto da cidade de Vitória, a sua relevância enquanto abrigo de diversas indústrias de destaque para o estado. Os empreendimentos de pequeno porte são maioria no município, mas recentemente a cidade tem se destacado enquanto um polo industrial com a chegada de novas grandes indústrias, como a Mondelez internacional, Brasil foods, a Destilaria JB, a Pitú, a Companhia Industrial de Vidros, etc.

Desde o seu processo de formação, a

partir de 1626, a cidade progride com base na economia, tendo o comércio informal e posteriormente as indústrias como origem de desenvolvimento. Surgindo enquanto pequeno povoado, evoluindo à vila e posteriormente elevada à condição de cidade, Vitória de Santo Antão se transformou em um importante centro comercial em que tropeiros sertanejos vindos de outras regiões do estado se reuniam para as feiras semanais, tornando a região um centro de desenvolvimento.

Figura 20: Fábrica Pitú, Vitória - PE.



Fonte: Folha PE, 2022.

“Pela situação central, equidistante das ribeiras do centro-oeste da capitania, no roteiro do Capibaribe ao São Francisco, tornou-se a povoação de Santo Antão da Mata ponto natural de convergência dos moradores da região circunvizinha e dos tropeiros sertanejos que conduziam boiadas para as feiras semanais de gado, nas quais se abasteciam, donde o seu notável desenvolvimento no século XIX”. (ARAGÃO, José. 1983, pág. 32).

Por se apresentar enquanto uma importante cidade, a partir da década de 1950 se inicia a construção da BR 232, relevante ligação da cidade do Recife ao interior do estado, o que promove a expansão da cidade de Vitória, modificando o seu traçado e trazendo consigo novos empreendimentos. Sua organização espacial é modificada e sua dinâmica passa por impactos significativos, fazendo com que a cidade se destaque enquanto um centro comercial e de prestação de serviços, contando com um parque industrial de relevância na produção de bebidas, produtos cerâmicos e alimentares.

Tal característica industrial perdura até os dias atuais, sendo possível perceber a presença de fábricas em toda a extensão da cidade, indo das áreas mais periféricas aos pontos mais centrais, sendo, desse modo, considerada a principal fonte de economia e de desenvolvimento da cidade.

Em contrapartida, percebe-se que mesmo que as indústrias sejam de importante atuação na cidade, é possível ainda perceber a obsolescência que se cria nessa categoria edilícia. Com a existência de fábricas surgindo e desaparecendo nesse ciclo fluido, e com

Figura 21: Fábrica Mondeléz internacional, Vitória - PE.



Fonte: Diário de Pernambuco, 2022.

Figura 22: Fábrica Brasil foods, Vitória - PE.



Fonte: Diário de Pernambuco, 2022.

Figura 23: Fábrica Docile, Vitória - PE.



Fonte: André Lobo, 2022.

a constante renovação urbana a partir da construção de novos espaços, alguns ambientes fabris foram esquecidos no tecido, se transformando em ambientes abandonados dentro da cidade. Tal acontecimento revela um processo de descuido nessa categoria, que acaba por gerar espaços residuais.

Figura 24: Fábrica Mondeléz internacional, Vitória - PE.



Fica clara, então, a necessidade de se promover uma expansão no tecido citadino de forma responsável, que se integre à cidade e que possa agregar espaços bem urbanizados, ofertando ambientes públicos que consigam melhorar a qualidade de vida da população.

O ENTORNO DA CATIVA

4.3

Dentre os vazios urbanos existentes na cidade, encontra-se a Fábrica da Cativa e seu entorno como um destaque. Não só pelo seu contexto histórico e econômico mas também pela sua presença marcante no contexto em que se insere, o conjunto se revela enquanto resquício de um importante empreendimento fabril antes atuante na cidade.

Localizado no bairro do Cajá, a antiga fábrica da Cativa se localiza em uma zona predominantemente residencial, ainda que coexista com uma diversidade de usos. Sua área envolve escolas, padarias, restaurantes, bares e supermercados que trazem ao território uma dinâmica constante e diária.

Figura 25: Entorno da Cativa, Vitória - PE.



Fonte: Misael dos santos, 2024.

O bairro em si se inicia por meio da expansão da cidade que surge do centro, sendo até os dias atuais um importante eixo de ligação para os bairros que se situam logo após. A rua Doutor José Rufino é a principal via de ligação para as antigas e novas expansões urbanas, que se espalham pela cidade em um ritmo acelerado. Ao ser margeado pela antiga BR 232, que cruza toda a cidade, o bairro se apresenta atualmente como “porta de entrada” desta que é a principal via do tecido urbano.

Figura 26: Entorno da Cativa, Vitória - PE.



Fonte: Misael dos santos, 2024.

Figura 27: Hierarquia viária.



Fonte: Google earth, adaptado por Misael dos Santos, 2024.

LEGENDA

- ■ ■ ■ Via arterial
- ■ ■ ■ Via primária
- Via secundária
- Via local

Apesar da existência de duas grandes áreas verdes no bairro, sendo uma delas privada, é possível notar a falta de espaços públicos de lazer, assim como os grandes equipamentos, que também têm uma origem privada. Os serviços oferecidos para a população sob o ponto de vista da apropriação e do entretenimento são restritos, percebendo-se a necessidade de propostas intervencionistas que modifiquem esse cenário.

Dentro desse cenário agitado, encontra-se um vazio urbano em uma zona extremamente privilegiada dentro do contexto do bairro: A Fábrica da Cativa. Inaugurada em 1972, a fábrica abrigava o ramo alimentício, se tornando um importante símbolo do ramo na cidade. Durante sua vida útil, ainda que relevante dentro do desenvolvimento da cidade, a fábrica aparentemente não se tornou parte da rotina dos habitantes da região, que afirmam, nos dias atuais, não se recordar das atividades que aconteciam no empreendimento.

Na década de 90, em um ano não definido, a fábrica encerra o seu funcionamento deixando um legado de mais de 20 anos de funcionamento. E é a partir desse momento que se inicia o seu processo de degradação. As estruturas da Fábrica da Cativa, ainda que abrigassem outros usos menores (e privados) por um tempo, passaram a ser desocupadas gradualmente.

Nos dias de hoje, as instalações da fábrica se encontram em estado de completo abandono. Nos poucos galpões que restam, não há mais

cobertas, que passaram por furto em seus elementos. Os rebocos e revestimentos se encontram prejudicados, sem nenhum tipo de cuidado e manutenção. O estado de degradação é avançado, com ausência de políticas públicas de restauro, se apresentando enquanto um espaço residual dentro da cidade.

Figuras 28: Entorno da Cativa, Vitória - PE.



Fonte: Misael dos Santos, 2024.

Figuras 29 : Entorno da Cativa, Vitória - PE.



Fonte: Misael dos Santos, 2024.

Figura 30: Parte interna da Cativa, Vitória - PE.



Fonte: Misael dos Santos, 2024.

Figura 31: Entorno da Cativeira, Vitória - PE.



Fonte: Misael dos Santos, 2024.

Figura 33: Parte interna da Cativeira, Vitória - PE.



Fonte: Misael dos Santos, 2024.

Figura 32: Entorno da Cativeira, Vitória - PE.



Fonte: Misael dos Santos, 2024.

Figura 34: Entorno da Cativeira, Vitória - PE.



Fonte: Misael dos Santos, 2024.

O PROJETO

05

Após todas as análises e estudos, chega-se na proposta projetual, que neste capítulo será apresentado a partir das referências projetuais, assim como pela análise urbana do entorno imediato, para entender a demanda da população do entorno e da cidade, chegando no Anteprojeto de renovação da antiga fábrica, intervindo nessa estrutura restante e propondo novos usos.

A partir disso, será apresentado o conceito, partido arquitetônico, volumetrias das edificações e todo seu entorno, por meio de desenhos e imagens.

PROGRAMA

5.1

A partir das análises realizadas, temos um programa de necessidades para atender a demanda proposta, que se destaca em 3 pilares: educação, esporte e cultura. Tal programa, então, se divide em 4 edificações, sendo elas: uma escola de cursos, uma quadra poliesportiva e seu apoio, um pavilhão multiuso e um auditório.

Escola

| | |
|----------------------------|---------------------------|
| Hall e área de convivência | 132m² |
| Sala de aula | 47,75m² |
| DML | 2,23m² |
| Sala de professores | 13,50m² |
| WC Funcionários | 3,30m² |
| WC P.N.E. | 3,62m² |
| WC Coletivo | 24,76m² |
| Administração | 9m² |

Pavilhão

| | |
|-------------------|----------------------------|
| Pavilhão multiuso | 558,32m² |
| WC Feminino | 28,30m² |
| WC Masculino | 26,08m² |
| WC Funcionários | 3,36m² |
| Depósito | 44,88m² |
| Copa | 7,44m² |
| Sala de descanso | 8,20m² |

Quadra

| | |
|----------------------|---------------------------|
| Quadra poliesportiva | 405m² |
| Arquibancada | 235m² |
| Depósito | 6m² |
| Sala de apoio | 3,05m² |
| WC P.N.E. | 6,20m² |
| BWC + Vestiário | 24,50m² |
| WC Público | 5,19m² |

Auditório

| | |
|------------------------|----------------------------|
| Hall e recepção | 102,75m² |
| WC Feminino | 16,64m² |
| WC Masculino | 14,38m² |
| WC P.N.E. | 5m² |
| WC P.N.E. Funcionários | 5,31m² |
| Administração | 9,47m² |
| DML | 7,56m² |
| Coxia | 17m² |
| Auditório | 220m² |
| Foyer | 97m² |
| Sala audiovisual | 8m² |
| Sala de apoio | 12,35m² |
| Depósito | 3,16m² |
| Sala técnica | 12,30m² |

CONCEITO

5.2

Assim, temos o conceito, ponto definidor e guia para as definições projetuais. Desse modo, a palavra CATIVAR surge como ponto norteador do projeto, fazendo uma alusão ao antigo nome da fábrica, sendo essa palavra um guia, fazendo com que o projeto seja um instrumento para ATRAIR a população para o novo uso proposto e ATIVAR essa área que apresenta um grande potencial por inúmeros pontos já citados.

Esse conceito é guiado por dois pontos: A continuidade da estrutura edificada e a renovação com base na contemporaneidade.

A primeira toma como base o aproveitamento da estrutura ainda existente, mesmo que de forma degradada, utilizando-a de forma a manter algumas características existentes hoje no património edificado, valorizando suas principais características e mantendo, ainda, a história do que foi a Cativeira para a população que ainda tem em suas lembranças o que foi a fábrica para a cidade.

O segundo ponto é a intervenção contemporânea, que por meio da renovação traz esse apelo pela renovação, por algo que destaque essa diferenciação dos tempos em suas intervenções, que por vezes podem ter como guia as características atuais do elemento em questão, porém destacando em elementos essa contemporaneidade de forma distinta do atual, mesmo que com os mesmos elementos.

Esses dois pontos vêm acompanhados com um elo que os une, o espaço público, que vem em contrapartida com a barreira atual, se voltando assim para a população e sendo o elemento que intercede essas duas intervenções, o novo e o velho, sendo uma porta para os espaços verdes que hoje é circundado por barreiras físicas.

IMPLANTAÇÃO

5.3

Após a definição do conceito, parte-se para a implantação desse novo uso no espaço atual. De início foram traçado eixos, com o objetivo de cruzar e abrir a atual edificação que se encontra hoje ociosa e bastante degradada pela falta de uso e pelas depredações que vem sofrendo ao longo do tempo em que a fábrica se manteve desativada, tendo assim a necessidade da abertura e demolições de parte da estrutura.

Tem-se como eixo principal o que parte da Rua Dr. José Rufino, a principal via da região, sendo esse meio a grande porta de entrada para a intervenção, cruzando o espaço e guiando para o centro do projeto, sendo usado também posteriormente como um guia para a expansão. Essa linha é marcada por sua amplitude e criação do grande espaço público aberto, indo de contrapartida à atual barreira que a edificação se torna para o seu entorno.

Partindo da via lateral, a Rua Euclides Neri, vê-se um eixo secundário, que passa por todo o projeto, fazendo a ligação do conjunto edificado residencial, de seu entorno com o centro da intervenção. Eixo esse, também, que quebra mais uma vez essa grande fachada, que fecha seu entorno para a vizinhança.

Esses dois eixos formam assim quatro quadrantes, onde são alocados às edificações os dois galpões que, por sua vez, são mantidos no projeto de intervenção, contudo, com novos usos, e as duas edificações que vêm a ser introduzidas, atendendo novos usos e demandas.

Os dois galpões seguem assim como estão alocados, mas inserindo novos acessos, para atender a nova demanda. Já as novas propostas têm orientações e direções distintas. O mais ao sul tem sua fachada principal voltada para a rua, criando esse contato direto da rua com a entrada e a parte interna, e a edificação mais acima tem suas duas fachadas maiores, voltadas para a parte interna do terreno, atendendo também o uso proposto para essa edificação, com a intenção de mesclar o interno com o externo.

Ao redor de toda a área foi criado também um respiro entre o edificado com o vazio, tendo mais espaço entre a edificação e a rua, mas não perdendo esse contato, já que o espaço público tem contato direto com as edificações. Ainda citando esse respiro, pode-se ver a criação de uma rua de serviço na parte superior, para que a proposta fique livre à sua volta, e com acesso, por inúmeros tipos de mobilidade em toda sua composição.

Foi implantado, ainda, áreas verdes e arborização, algo inexistente na situação atual, oferecendo um maior conforto climático e visual para toda proposta. Mais ao oeste se estabelece uma área de expansão, para futuros projetos e necessidades que venham a surgir com a proposta.

Figura 35: Esquema implantação.



Fonte: Google earth, adaptado por Misael dos Santos, 2024.

LEGENDA

-  Eixo principal
-  Eixo secundário
-  Estrutura a ser mantida
-  Novas edificações

ZONEAMENTO

5.4

Então, define-se o zoneamento, que de início tem como ponto de partida as edificações e os espaços de anteparo a elas, que se somam aos espaços internos e trás uma nova dinâmica. Para as escolhas desses recintos e usos foram levados em consideração o tecido urbano já existente e como os usos iriam influenciar diretamente na vizinhança.

Com a escolha da implantação das edificações criou-se quatro tipos de espaços públicos, o de acolhimento, de ligação, de passagem e o de estar.

Os espaços de acolhimento se encontram em contato direto com a rua, sendo, como elementos de recepção e espera para os usos próximos, como a escola e auditório, tendo esses dois espaços em duas pontas extremas da proposta, um na esquina, como ponto importante de chegada nos dois lados opostos.

Tem-se como eixo principal de ligação a rua que parte da Rua Dr. José Rufino, sendo a principal ligação do entorno com a parte central da proposta, fazendo assim, uma distribuição dos fluxos para todos os espaços, sejam eles internos ou externos.

O eixo longitudinal, que corta todo o espaço tem como principal objetivo a passagem, sendo o acesso entre a escola e a quadra uma porta para adentrar ao espaços centrais, podendo também ter uma livre apropriação.

Ao longo de todo espaço existem locais de estar, mas em alguns pontos essa apropriação foi destacada, como na parte que está mais próximo a Rua Silvino Lopes, tendo esse espaço um caráter mais de apreciação e aconchego.

Figura 36: Esquema zoneamento.



Fonte: Google earth, adaptado por Misael dos Santos, 2024.

VOLUMETRIA

5.5

Os elementos volumétricos foram pensado a partir de duas soluções, a da continuidade, principalmente nos edifícios em que foram projetados levando em consideração parte da estrutura pré existente, e na da contemporaneidade, propondo um volume novo, mas que em partes foram considerados características da edificação da antiga fábrica.

Na escola, pode-se ver a marcação dos pilares em sua fachada principal e posterior, uma característica marcante hoje na estrutura que ainda existe, o conjunto de pilares e vigas destacado ao longo de toda extensão da fachada mais ao sul. Na empenas laterais, foram mantidas as inclinações das águas da coberta em suas fachadas, atributos bem visíveis ainda hoje na antiga fábrica.

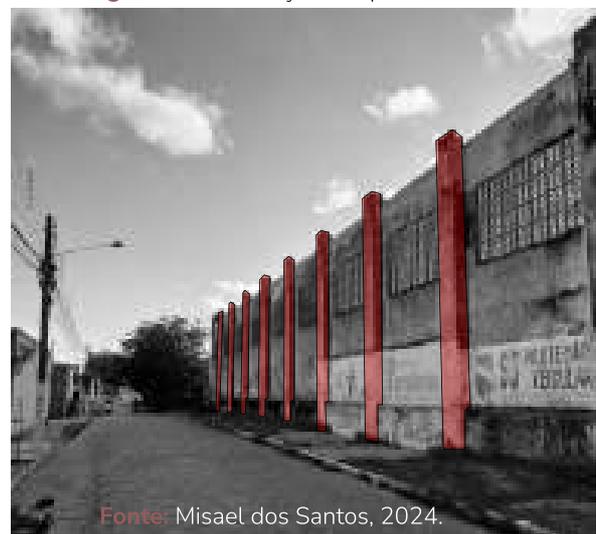
Na quadra poliesportiva, também foi mantida parte de sua estrutura existente, tomando ela como partido para a volumetria, no entanto, foi acrescentado um novo volume para atender a nova demanda. Destaca-se na volumetria as duas águas da coberta, porém em um de seus lados essa cobertura se estende e “abraça” esse novo volume que transpassa verticalmente essa água da coberta, deixando claro essa intervenção no que ainda resta da estrutura do que um dia foi uma fábrica.

Em contraponto aos dois volumes em que se trabalhou com a pré existência, criou-se mais dois volumes, o pavilhão e o auditório.

No pavilhão, percebe-se a tipologia de um galpão, bem característico das estruturas fabris, mas em suas fachadas maiores, vemos uma extensão desse volume, quase que como um alpendre, tendo um fechamento parcial com um elemento vasado, e os pilares bem marcados, dois elementos na estrutura da cativa.

O auditório segue a linguagem desse volume com ângulo mais reto e puro. Tendo um destaque para sua fachada que está em contato com a rua, usando também dessa ideia de volume que sai e serve como elemento de transição do externo para interno. Tendo a marquise, que corta e separa a fachada de cobogós, sendo essa proteção uma quebra para a dimensão desse volume da edificação com a escala humana.

Figuras 37: Marcação dos pilares.



Fonte: Misael dos Santos, 2024.



Figura 38: Cobogós na fachada.

Fonte: Misael dos Santos, 2024.

ESPAÇO EXTERNO

5.6

A área externa foi pensada enquanto uma grande área de convivência, que permita a coexistência e promova a socialização. Cortada por eixos que se cruzam, o espaço externo promove em seus extremos espaços verdes, cada um com uma característica.

No espaço 1 cria-se uma zona livre verde e descampada, de modo a permitir a apropriação e a diversidade de usos de acordo com a necessidade e vontade dos usuários. Ainda no espaço 1, o pergolado que contorna parte da área verde, cria a idéia de pátio ficando do lado oposto ao pavilhão, sendo essa estrutura de madeira um abrigo e apoio para quem utiliza esse local.

Nos espaços 2 e 4, o paisagismo envolve as edificações de modo a “abraçá-las”, tornando-se parte pertencente ao conjunto edificado. Sendo parte importante para a paisagem e uma transição visual entre o espaço aberto e a estrutura edificada.

No espaço 3, situado em um espaço voltado ao acesso principal do projeto, foi criada uma praça que convida os transeuntes a adentrar o conjunto. Sua característica bucólica com a presença de árvores abundantes traz o aconchego e a sensação de ambiente de estar, sendo mobiliado com mesas e bancos para a apropriação da vizinhança, que hoje utiliza a calçada que circunda a antiga fábrica, como espaços de estar e lazer. Sendo agora esse espaço 3 uma proposta para atender uma demanda existente da população do entorno.

Ainda nos espaços externos, tem-se como ponto forte o anfiteatro que é parte externa do auditório, do qual o palco se abre para fora, podendo ofertar um espaço cultural também para essa grande praça que se cria em volta das edificações.

Figura 39: Espaços externos.



Fonte: Misael dos Santos, 2024.

PARTIDO ARQUITETÔNICO

5.7

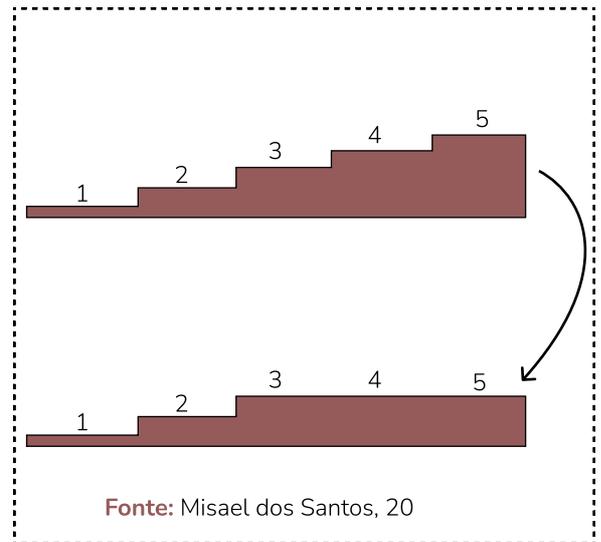
O projeto tem como partido o aproveitamento do escalonamento que atualmente existe no terreno, dividido em 5 níveis.

O nível 1 é o mais baixo que está em contato com a rua em sua totalidade. Nesse sentido, parte da ideia de ser uma expansão da calçada, oferecendo mais espaço livre e verde para os transeuntes, sendo também um acesso para os outros níveis, e também oferecendo locais de estar. Desse nível tem como partido a preservação dos pilares e vigas da estrutura existente, como um elemento escultórico, para que ainda se mantenha essa marcação da fachada atual, mas de forma que não seja um barreira física e visual, convidando a população a adentrar.

No nível 2, já parte para a ideia do surgimento de espaços de estar e passagens, sendo também um espaço de acesso a outros usos, como a escola que usa do galpão da antiga fábrica que ocupa esse espaço.

O nível 3, 4 e 5, se unem em um mesmo piso, na parte central, para abrigar um grande espaço, trazendo uma amplitude para essa centralidade do projeto. Ainda abrigando o pavilhão que se abre para esse meio, sendo também voltado para o lado oposto.

Figuras 40 : Escalonamento.



Fonte: Misael dos Santos, 20

A ESCOLA

5.8

A proposta de uma escola de cursos foi pensada para suprir uma demanda da cidade, que como já dito anteriormente, nas últimas décadas houve um crescimento do número de indústrias na região, o que fez que houvesse uma expansão em inúmeras áreas, como o tecido urbano, comércio, etc.

A capacitação da mão de obra especializada para a oferta de empregos é algo que ainda carece, existindo, majoritariamente, essa capacitação oferecida de forma privada. A partir dessa problemática que uma escola de cursos, que funcione de forma em que a necessidade surja, não sendo uma estrutura fixa e limitada para um certo tipo de capacitação, funcionando de forma que atenda um número maior de necessidades. Funcionando de forma que o poder público junto à iniciativa privada faça a gestão desse local de ensino, atendendo uma necessidade da indústria e comércio e oferecendo um novo serviço de forma plural para a população.

Essa escola fica em um ponto estratégico, na esquina, utilizando, como já dito antes, parte da estrutura existente e tem como chegada dois caminhos, um logo a frente a sua fachada principal, que fica voltada para a rua e outro na rua lateral em um nível acima. Como acesso tem uma escada bem a frente a porta de acesso e uma rampa para atender todos os públicos.

Logo após adentrar a escola, tem-se um grande hall e área de convivência, sendo também um espaço para outros usos, como aulas que necessitem de um espaço maior.

A partir desse hall, se derivam quatro salas de aula nas extremidades da edificação, todas da mesma dimensão, podendo atender as mais variadas demandas. Na parte central oposto à entrada, fica toda área de serviço, como depósitos, banheiro feminino, banheiro masculino e para pessoas com necessidades especiais, sala administrativa e apoio.

Todos ambientes tem aberturas voltadas para o exterior, as salas de aula com aberturas verticais, como uma quebra da horizontalidade da volumetria da edificação e em sua fachada principal uma segunda pele de cobogó, elemento presente nas aberturas da antiga fábrica, trazendo assim, uma característica da antiga estrutura de forma a relembrar a história, mas marcando a nova intervenção.

Sua estrutura é composta por pilares e paredes já existentes nos fechamentos externos, nas partes internas tem se a alvenaria de blocos para a divisão dos ambientes. Sua cobertura é composta de telha sanduiche pela praticidade e conforto acústico e térmico, e a utilização de treliças metálicas como parte da estrutura da cobertura.

Figura 41: Escola.



Fonte: Misael dos Santos, 2024.

Figura 42: Escola.



Fonte: Misael dos Santos, 2024.

QUADRA POLIESPORTIVA

5.9

A quadra poliesportiva vem com o objetivo de oferecer um espaço público de qualidade para práticas esportivas em um ambiente interno para toda população. Estrutura que fortalece a prática esportiva de esportes de quadra, em crescimento na cidade, porém que é ofertado em sua maioria por iniciativa privada, assim esse espaço pode oferecer um local de forma mais plural para toda população.

Essa edificação está alojada em parte da estrutura de algum galpão de armazenamento da antiga indústria, mas para a proposta uma de suas laterais se abre para comportar o uso proposto e seu programa de necessidades.

Os acessos para a quadra são feitos por um acesso mais próximo a Rua Euclides Neri e também por outro acesso voltado para o centro do novo espaço público proposto.

O espaço pode atender práticas esportivas de salão, assim como também outras demandas que venham a surgir para o espaço amplo e coberto.

Além da quadra, a edificação oferece toda estrutura de suporte para o uso, como depósito, sala administrativa, para que o espaço possa ser administrado de forma independente dos outros usos do projeto, sala de apoio, dois banheiros para pessoas com necessidades especiais, também dois vestiários e banheiros para as pessoas que utilizam o espaço. Além disso, ainda, a edificação oferece banheiros para atender o público que vem assistir aos jogos.

Assim como a escola, a estrutura da edificação utiliza parte das paredes e pilares existentes, e construindo as novas paredes com blocos e sua cobertura com a telha termoacústica e a treliça metálica na estrutura da cobertura.

Em suas fenestraçãoes tem-se o cobogó como elemento de vedação, permitindo a passagem da ventilação e luz natural, também de forma vertical, diferente da já utilizada nas aberturas da cativa.

Figura 43: Quadra poliesportiva.



Fonte: Misael dos Santos, 2024.

Figura 44: Quadra poliesportiva.



Fonte: Misael dos Santos, 2024.

PAVILHÃO DE EVENTOS

5.10

Essa edificação vem para atender suprir uma falta na cidade, a necessidade de um local adequado para algumas atividades, oferecer um espaço de convenções, que seja um espaço multiuso para ser utilizado para várias atividades, como congressos e eventos em geral. Atualmente essas atividades são realizadas em espaços provisórios, como quadras esportivas ou então realizados em outros municípios que oferecem um espaço de convenções.

O pavilhão foi pensado para que apesar de sua dimensão, não se torne uma barreira a quem utiliza os espaços ao seu entorno, seus acessos laterais cobertos, pensados como varandas, fazem a transição do que é interno e externo, sendo assim um espaço aberto e público, podendo ser adaptado de acordo com a demanda do evento que pode ocorrer.

Apesar de sua forma retangular e semelhante as duas edificações que utilizam da pré existência para o novo uso, assim também com a utilização do elemento vazado, sendo bem presente em suas duas fachadas maiores, o cobogó vem de forma a se destacar mas não apenas por sua grande utilização e planos, mas principalmente pela escolha da cor, que tem como objetivo evidenciar o que é novo, indo de total contraste com a cor utilizada nas fachadas da escola e quadra.

O vermelho vibrante traz consigo uma forte identidade para essa edificação, sendo um grande elemento do conjunto projetado, indo também em contraposição com o seu entorno, com o verde da vegetação.

A intenção da escolha dessa cor é evidenciar a mudança de tempo e trazer o mesmo elemento existente hoje na estrutura degradada da cativa, mas de forma a contrapor.

Além do grande espaço multiuso, o pavilhão tem em seu programa de necessidades, dois banheiros para o público, um feminino e outro masculino, um depósito para atender a quem utiliza o local, além de um espaço para funcionários, com banheiro, copa e sala de descanso.

Em sua estrutura é utilizado pilares e vigas de concreto armado, fechamentos em blocos de concreto, assim como as lajes das cobertas laterais, os cobogós nos fechamentos das fachadas e na parte superior para que se tenha uma saída de calor na parte superior. Na cobertura é utilizado a telha termoacústica e treliças metálicas para vencer o grande vão do pavilhão.

Figura 45: Pavilhão de eventos.



Fonte: Misael dos Santos, 2024.

Figura 46: Pavilhão de eventos, vista externa.



Fonte: Misael dos Santos, 2024.

AUDITÓRIO

5.11

Assim como o pavilhão, o auditório é proposto para também atender uma necessidade local, visto a falta de um espaço para conferências e atividades semelhantes. Esse uso vem com o objetivo de oferecer esse novo espaço com uma formação adequada para a população em geral, mas destacam-se as 3 universidades existentes na cidade, O campus da universidade federal de Pernambuco e outras duas universidades privadas, a Universidade Osmans Lins e o Centro Universitário da Vitória de Santo Antão. Porém também atendendo a outros setores da cidade, como o setor cultural, podendo utilizar do espaço para a realização de espetáculos e concertos.

O auditório suporta 180 pessoas em sua plateia da parte interna, podendo também o palco abrir para a área externa, ficando voltado para o anfiteatro que ocupa parte da praça logo na lateral da edificação.

O acesso ao prédio se dá por meio de uma escada e rampa que quase de forma única oferecem essa chegada ao edifício que está elevado em relação a calçada. A marquise que protege o plano de vidro da fachada serve como anteparo para quem chega ao auditório, com seu hall amplo de pé direito duplo, traz um sensação de amplitude que por mais que seja um ambiente fechado, o grande plano de cobogós que tem em sua fachada permite a entrada de luz ao ambiente interno.

Em seu pavimento térreo, além do hall e recepção, tem-se toda parte de serviço e apoio a quem utiliza o espaço, como banheiro feminino, banheiro masculino e pessoas com necessidades especiais. Em uma parte privativa para o público, fica a sala administrativa, depósito de material de limpeza e banheiros para funcionários, além do acesso ao palco por meio da caixa.

O auditório tem seu acesso pelo térreo e pelo pavimento superior que conta com uma ampla sala de espera. Ainda no pavimento superior, na parte privada ao público geral, temos uma sala de apoio, depósito, uma sala técnica e por fim, uma sala de audiovisual direta para o auditório.

Figura 47: Fachada do auditório.



Fonte: Misael dos Santos, 2024.

Figura 48: Auditório.



Fonte: Misael dos Santos, 2024.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

06

Observar a obsolescência e o processo de esquecimento que é notório na categoria das edificações fabris desperta o olhar para possibilidades. Essa é uma problemática que tende a refletir a falta de informação sobre o valor histórico e cultural dos edifícios, que acabam por se tornar resíduos dentro da cidade sem que haja um processo de resguardo desse tipo edilício.

Reocupar e reintegrar o conjunto da Cativa, dentro desse contexto, torna-se uma espécie de resgate cultural, que tem o objetivo de, além de tudo, promover a rememoração da arquitetura fabril da cidade, trazendo benefícios não só no campo de vista da memória, como também da vivência, da experiência, do sentir e do cuidar cidadão.

Evitar a existência e permanência de vazios urbanos é se preocupar com o mantimento de uma cidade viva e dinâmica.

Assim, a requalificação proposta neste trabalho emprega materiais estruturais e físicos que respeitam a pré-existência enquanto possibilitam que o novo coexista.

Ao promover cursos, atividades de lazer, esportes e eventos, o empreendimento busca, como explícito em seu título, Cativar a população circundante, de modo a oferecer oportunidades em diversos nichos: econômico, cultural, ambiental e principalmente social.

Foi possível analisar, por meio do desenvolvimento do trabalho, as virtudes dos espaços de caráter fabril, que se tornam áreas com bastante

potencialidade social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

07

ARAGÃO, José. **História da Vitória de Santo Antão (1626-1843), vol 1**. Centro de estudos de história municipal, 1983.

BORGES, Bárbara B. S. **Fábrica da Pompeia (Sesc Pompeia)**. São Paulo, 2012. Disponível em: <<https://arteforadomuseu.com.br/sesc-pompeia/>>. Acesso em: 27 nov 2023.

CALDAS, Renata Maria Vieira. **Arquitetura industrial em Recife: Uma face da modernidade**. 180 folhas. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2010.

CARTA de Atenas, 1931. **Escritório Internacional dos Museus Sociedade das Nações**. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=232>. Acesso em: 15.02.2012.

CASTORE, M. Elena. **O reuso do patrimônio industrial: O caso da antiga Fábrica São Braz em Plataforma, Salvador**. Mestrado em Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2012.

CASTRO, Diogo. **Regeneração de espaços industriais: Do espaço industrial à regeneração da cidade**. Universidade Lusíada do Porto. Porto, Portugal, 2013.

História da Fábrica da Macaxeira. ETE Miguel Batista. Recife, 2014. Disponível em: <https://etemiguelbatista.blogspot.com/2014/06/historia-da-fabrica-da-macaxeira_1882.html>. Acesso em: 10 jan 2024.

LEAL, Maria Hellena Borba. **Casa Chico: Uma proposta de (re)ocupação da antiga Cerâmica Apipucos**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2023.

MAGALHÃES, Gladys. **De fábrica a centro de cultura e lazer: a história do Sesc Pompeia. 2022**. Disponível em: <<https://revistacasaejardim.globo.com/Casa-e-Jardim/Arquitetura/noticia/2022/07/de-fabrica-centro-de-cultura-e-lazer-historia-do-sesc-pompeia.html>>. Acesso em: 10 jan 2024.

MENDES, José Amado. **Uma nova perspectiva sobre o patrimônio cultural: Preservação e requalificação de instalações industriais**. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Porto, Portugal, 2020.

RIEGL, Alois. **O Culto Moderno dos Monumentos: sua essência e sua gênese**. Goiânia: Editora da UCG, 2006.

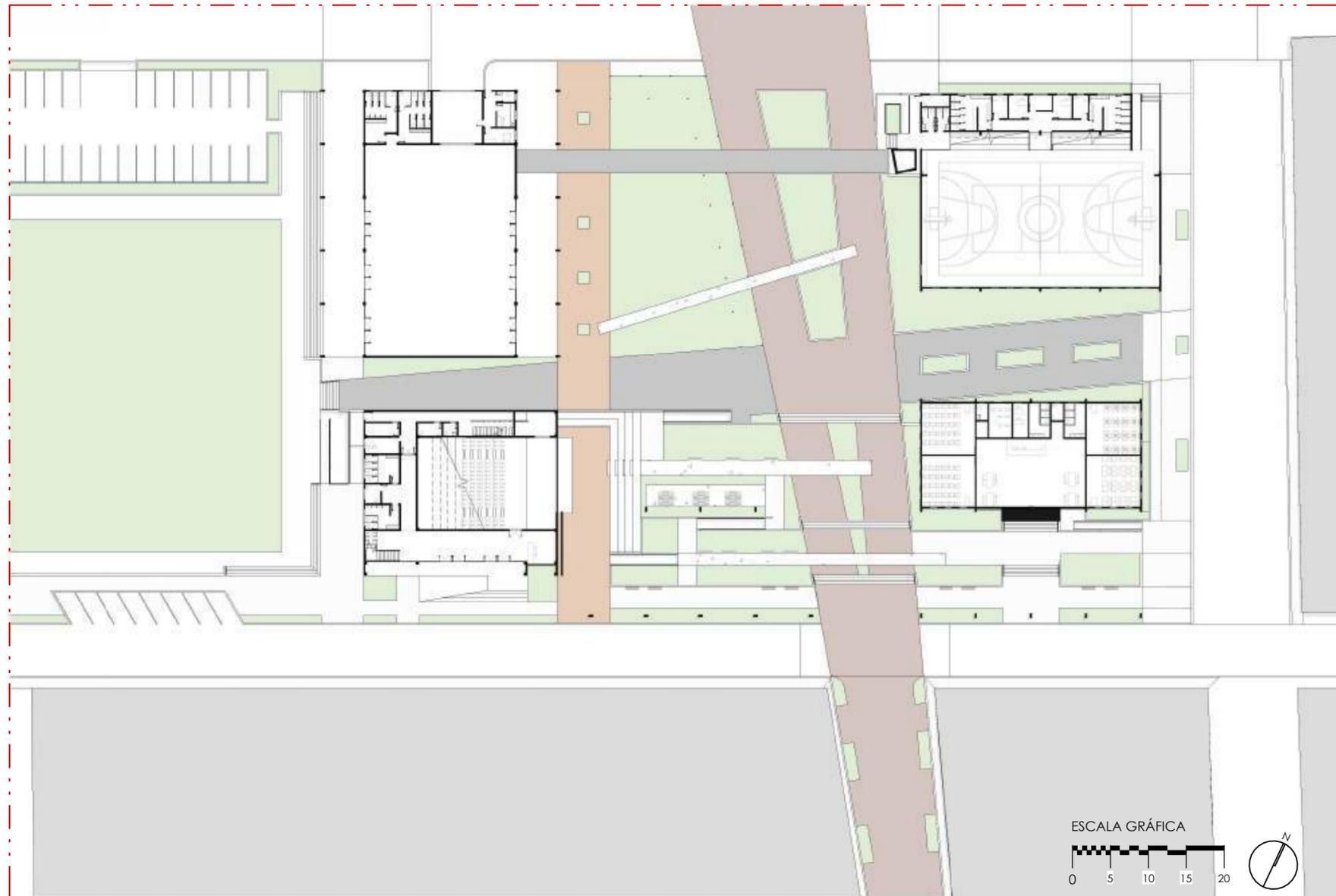
ROSA, Carolina Lucena. **O patrimônio industrial: a construção de uma nova tipologia de patrimônio**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, 2011.

RYKWERT, Joseph. **A sedução do lugar**. São Paulo, Martins Fontes, 2004, p. 35.

SAMPAIO, Camila Barbosa Lima. **Para além da ruína: Anteprojeto de requalificação do Edifício Siqueira Campos**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2022.

SANTOS, Juliana Queiroz. **Diretrizes para áreas de expansão urbana em Vitória de Santo Antão - PE**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2020.

SOUZA, Anna Flavia Nascimento. **Do abandono à recriação: O restauro como método de ressignificação de espaços esquecidos na cidade de Vitória de Santo Antão - PE**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2023.

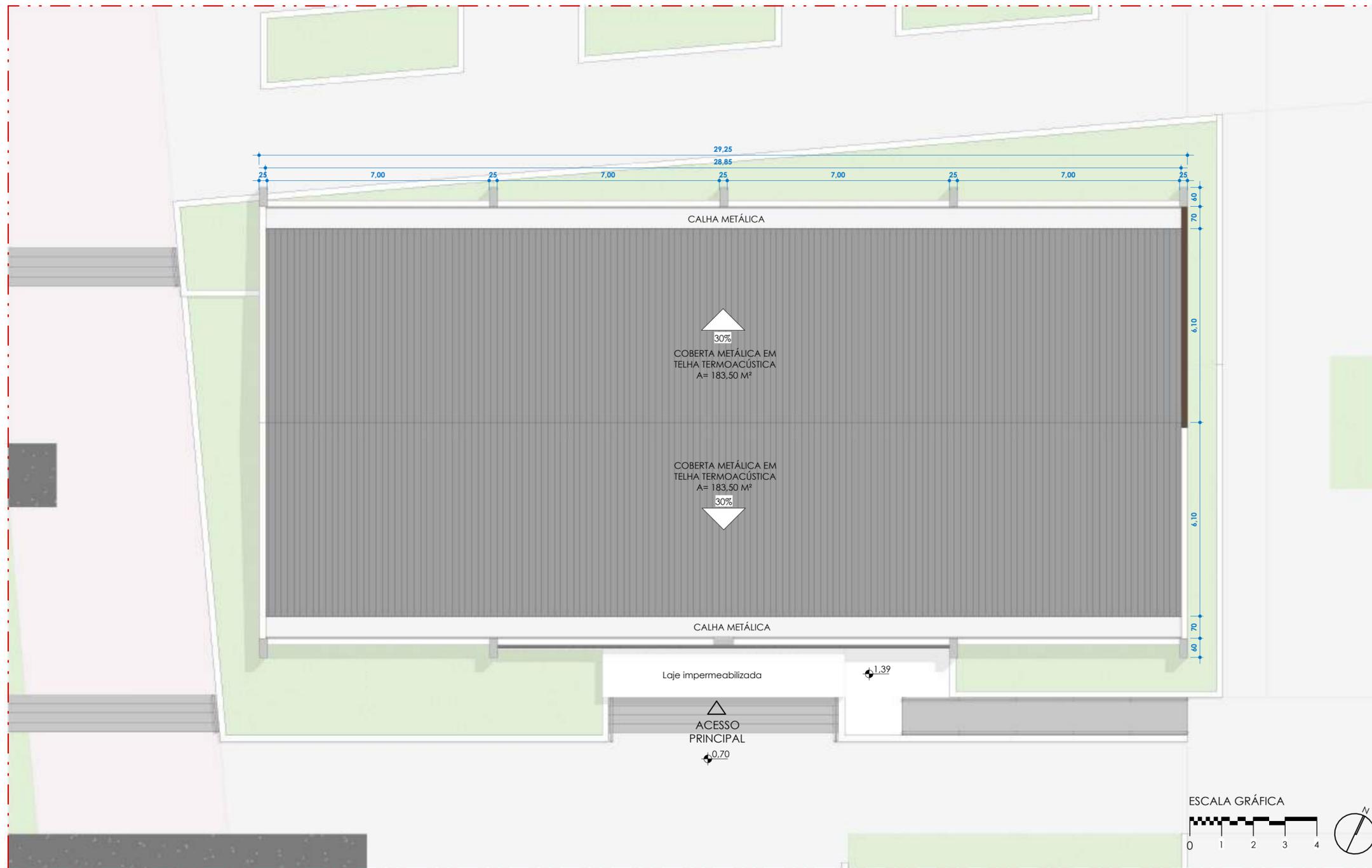


1 RÉS DO CHÃO
1 : 500

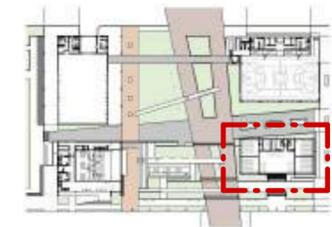


| TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO - ARQUITETURA E URBANISMO | | | |
|---|---|--|--|
| PROJETO: CATIVAR, ANTEPROJETO DE RENOVAÇÃO E (RE)ADAPTAÇÃO DE UMA ESTRUTURA FABRIL NA CIDADE DE VITÓRIA DE SANTO ANTÃO - PE | ENDEREÇO: R. SILVINO LOPES, S.N. - CAJÁ, VITÓRIA DE SANTO ANTÃO - PE | AUTORA: MISAEEL DOS SANTOS SILVA JUNIOR | |
| DESENHO: RES DO CHAO | DATA: MARÇO/2024 | ESCALA: 1 : 500 | ORIENTADORA: LUCIANO LACERDA MEDINA |





1 **COBERTA ESCOLA**
1 : 100

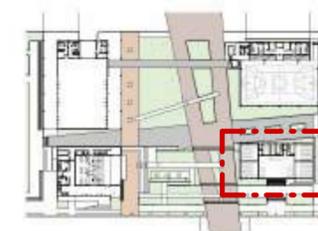
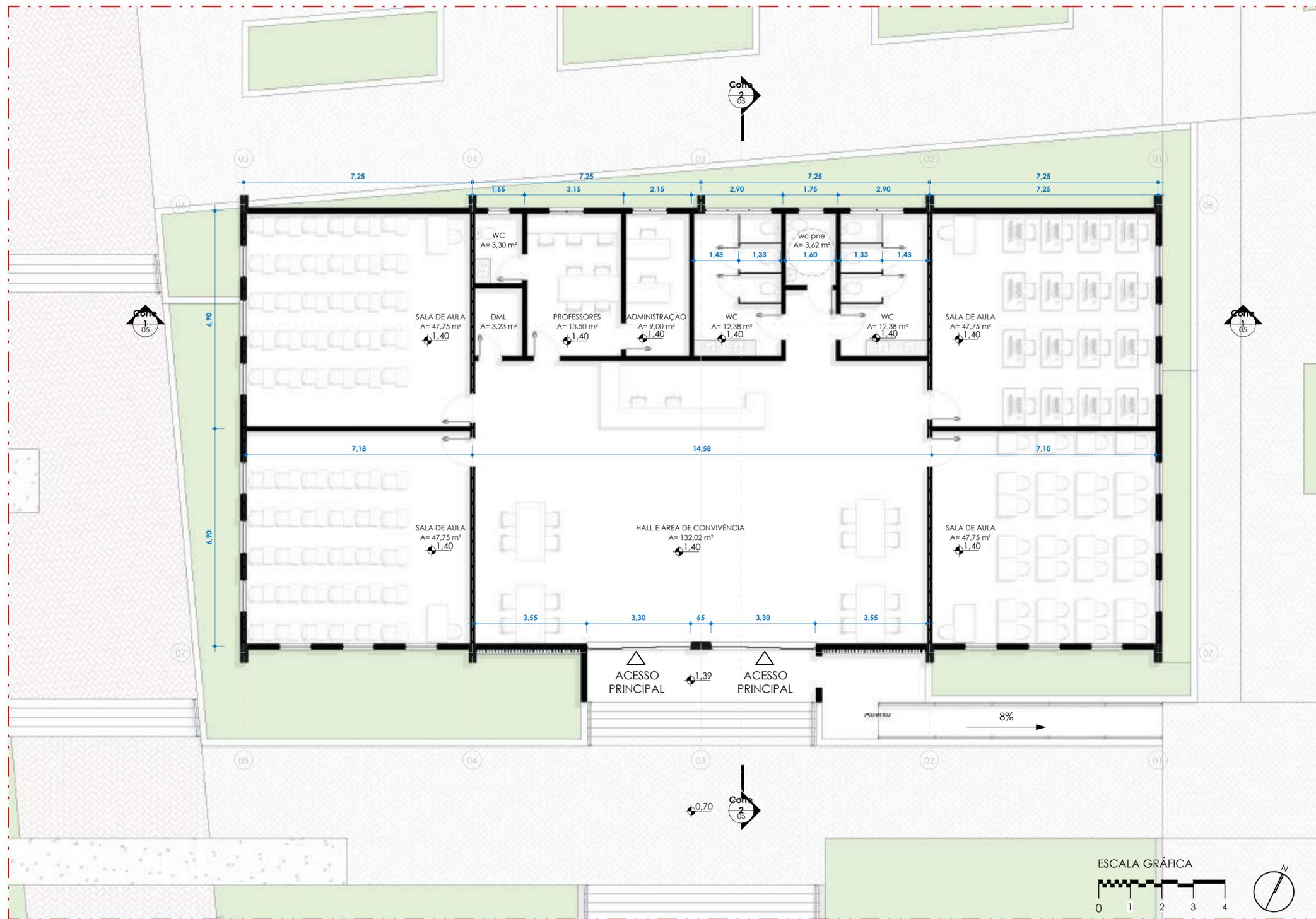


2 **PLANTA CHAVE ESCOLA COBERTA**
1 : 2000

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO - ARQUITETURA E URBANISMO

| | | |
|---|---|---|
| PROJETO: CATIVAR, ANTEPROJETO DE RENOVAÇÃO E (RE)ADAPTAÇÃO DE UMA ESTRUTURA FABRIL NA CIDADE DE VITÓRIA DE SANTO ANTÃO - PE | ENDEREÇO: R. SILVINO LOPES, S.N. - CAJÁ, VITÓRIA DE SANTO ANTÃO - PE | AUTORA: MISAEL DOS SANTOS SILVA JUNIOR |
| DESENHO: COBERTA ESCOLA | DATA: MARÇO/2024 | ESCALA: Como indicado |
| | | ORIENTADORA: LUCIANO LACERDA MEDINA |





2 PLANTA CHAVE ESCOLA
1 : 2000

1 ESCOLA
1 : 100

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO - ARQUITETURA E URBANISMO

PROJETO:
CATIVAR, ANTEPROJETO DE
RENOVAÇÃO E (RE)ADAPTAÇÃO DE
UMA ESTRUTURA FABRIL NA CIDADE
DE VITÓRIA DE SANTO ANTÃO - PE

ENDEREÇO:
R. SILVINO LOPES, S.N. - CAJÁ, VITÓRIA
DE SANTO ANTÃO - PE

AUTORA:
MISAELO DOS SANTOS
SILVA JUNIOR

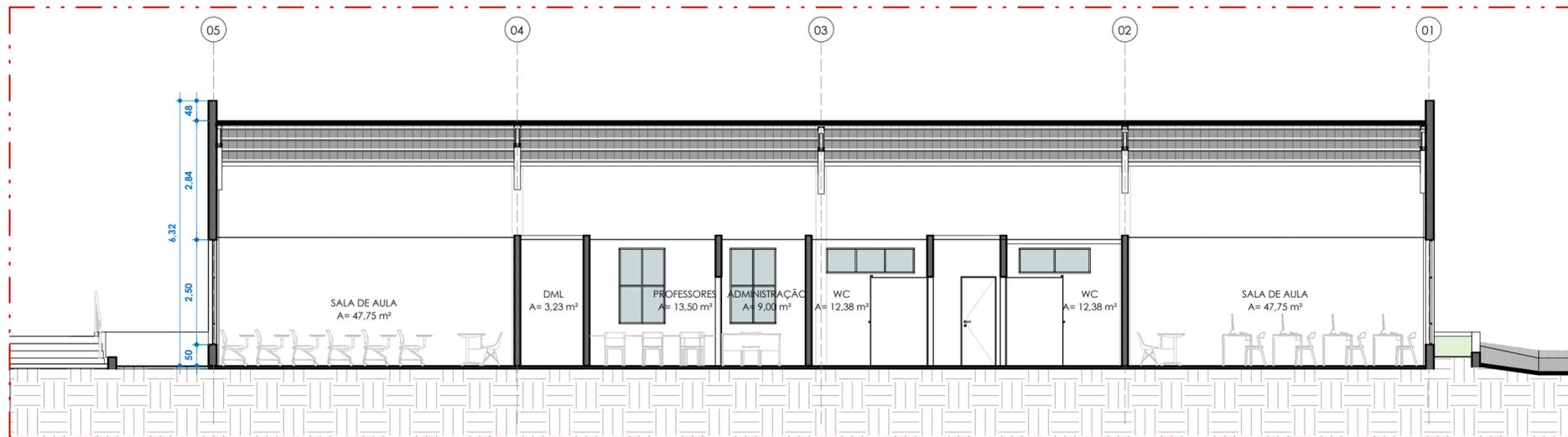
DESENHO:
PLANTA BAIXA ESCOLA

DATA
MARÇO/2024

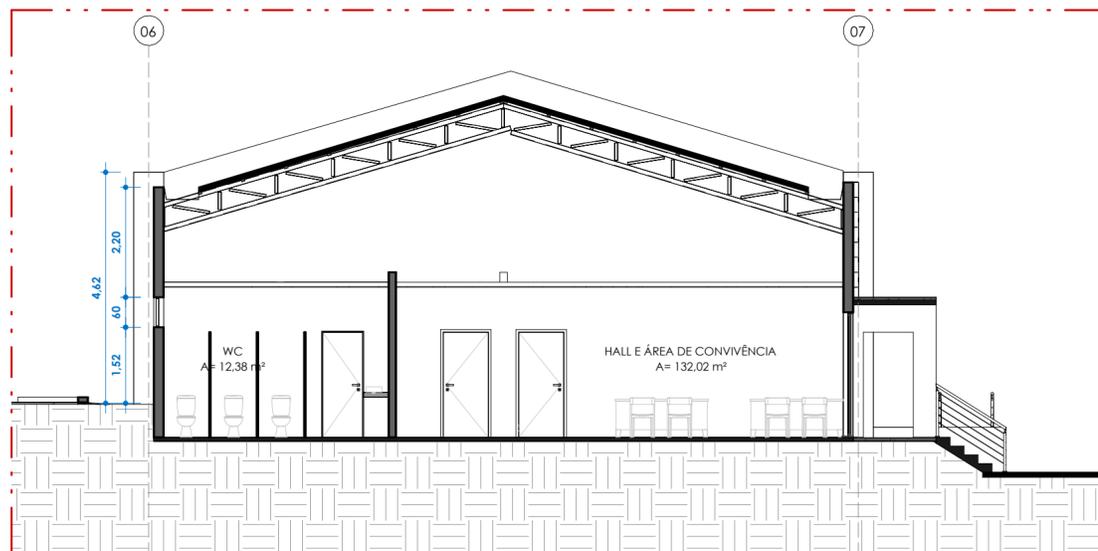
ESCALA
Como
indicado

ORIENTADORA:
LUCIANO LACERDA
MEDINA





1 Corte 1
1 : 100

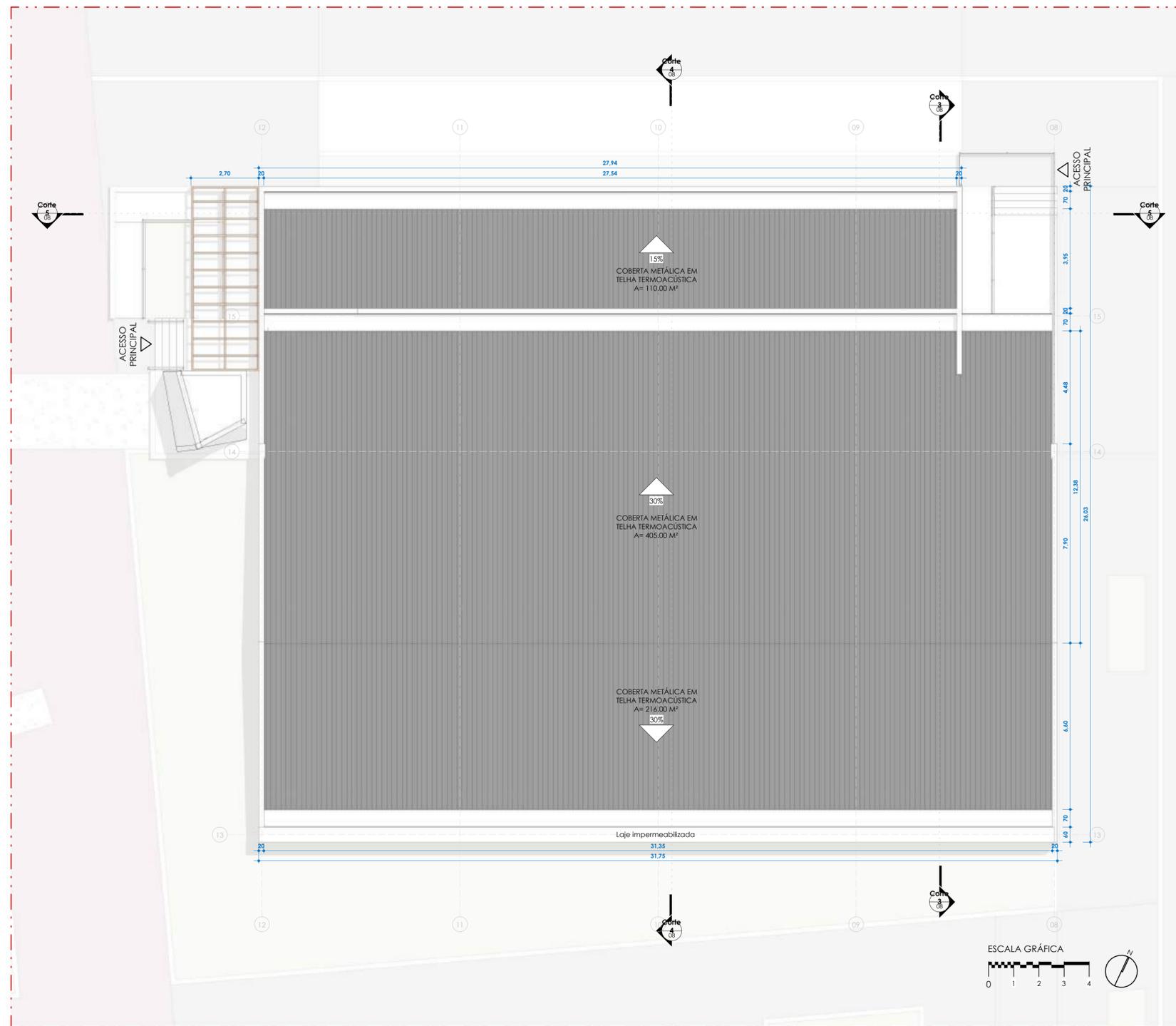


2 Corte 2
1 : 100

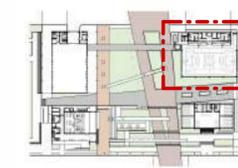
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO - ARQUITETURA E URBANISMO

| | | |
|---|---|---|
| PROJETO: CATIVAR, ANTEPROJETO DE RENOVAÇÃO E (RE)ADAPTAÇÃO DE UMA ESTRUTURA FABRIL NA CIDADE DE VITÓRIA DE SANTO ANTÃO - PE | ENDEREÇO: R. SILVINO LOPES, S.N. - CAJÁ, VITÓRIA DE SANTO ANTÃO - PE | AUTORA: MISAEI DOS SANTOS SILVA JUNIOR |
| DESENHO: CORTES ESCOLA | DATA: MARÇO/2024 | ESCALA: 1 : 100 |
| | | ORIENTADORA: LUCIANO LACERDA MEDINA |

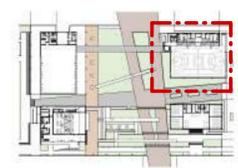
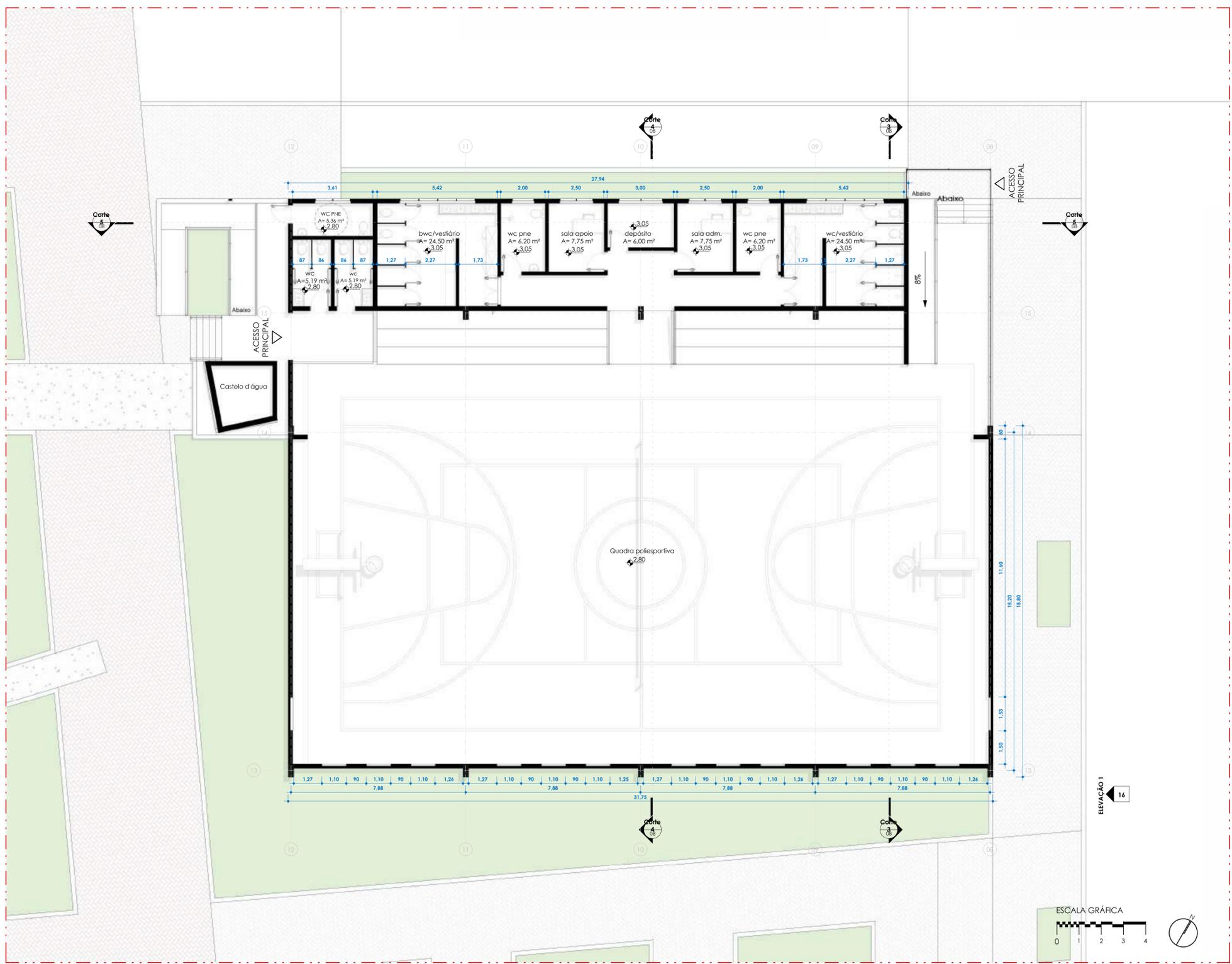




1 COBERTA QUADRA
1 : 100



2 PLANTA CHAVE QUADRA COBERTA
1 : 2000



2 PLANTA CHAVE QUADRA
1 : 2000

1 QUADRA
1 : 100

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO - ARQUITETURA E URBANISMO

PROJETO: CATIVAR, ANTEPROJETO DE RENOVACÃO E (RE)ADAPTAÇÃO DE UMA ESTRUTURA FABRIL NA CIDADE DE VITÓRIA DE SANTO ANTÃO - PE

ENDEREÇO: R. SILVINO LOPES, S.N. - CAJÁ, VITÓRIA DE SANTO ANTÃO - PE

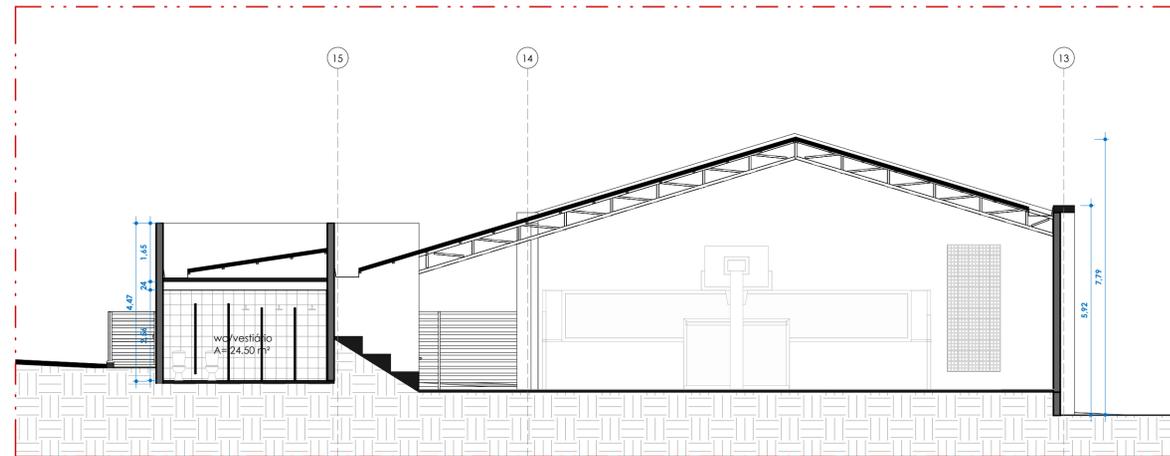
AUTORA: MISAEL DOS SANTOS SILVA JUNIOR

DESENHO: PLANTA BAIXA QUADRA

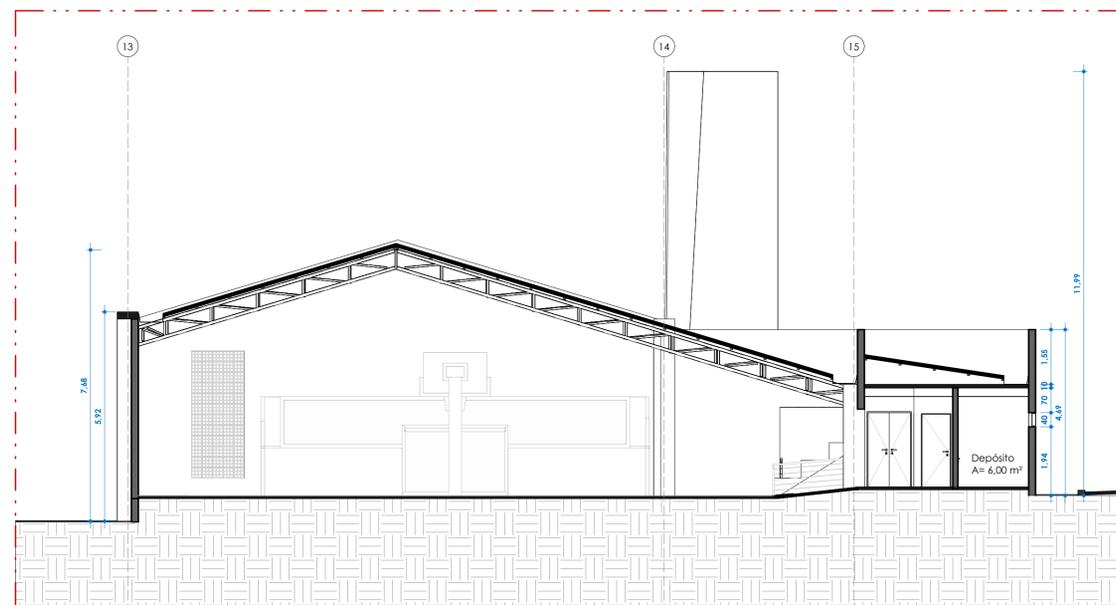
DATA: MARÇO/2024

ESCALA: Como indicado

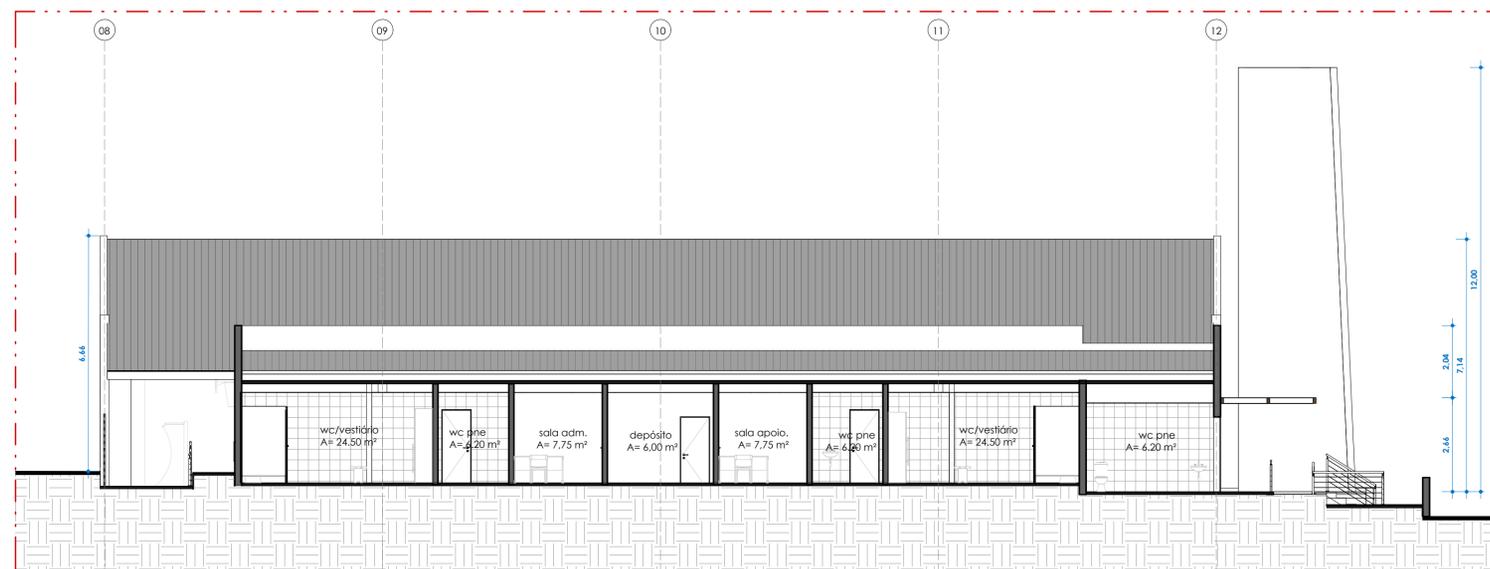
ORIENTADORA: LUCIANO LACERDA MEDINA



1 **Corte 3**
1 : 100



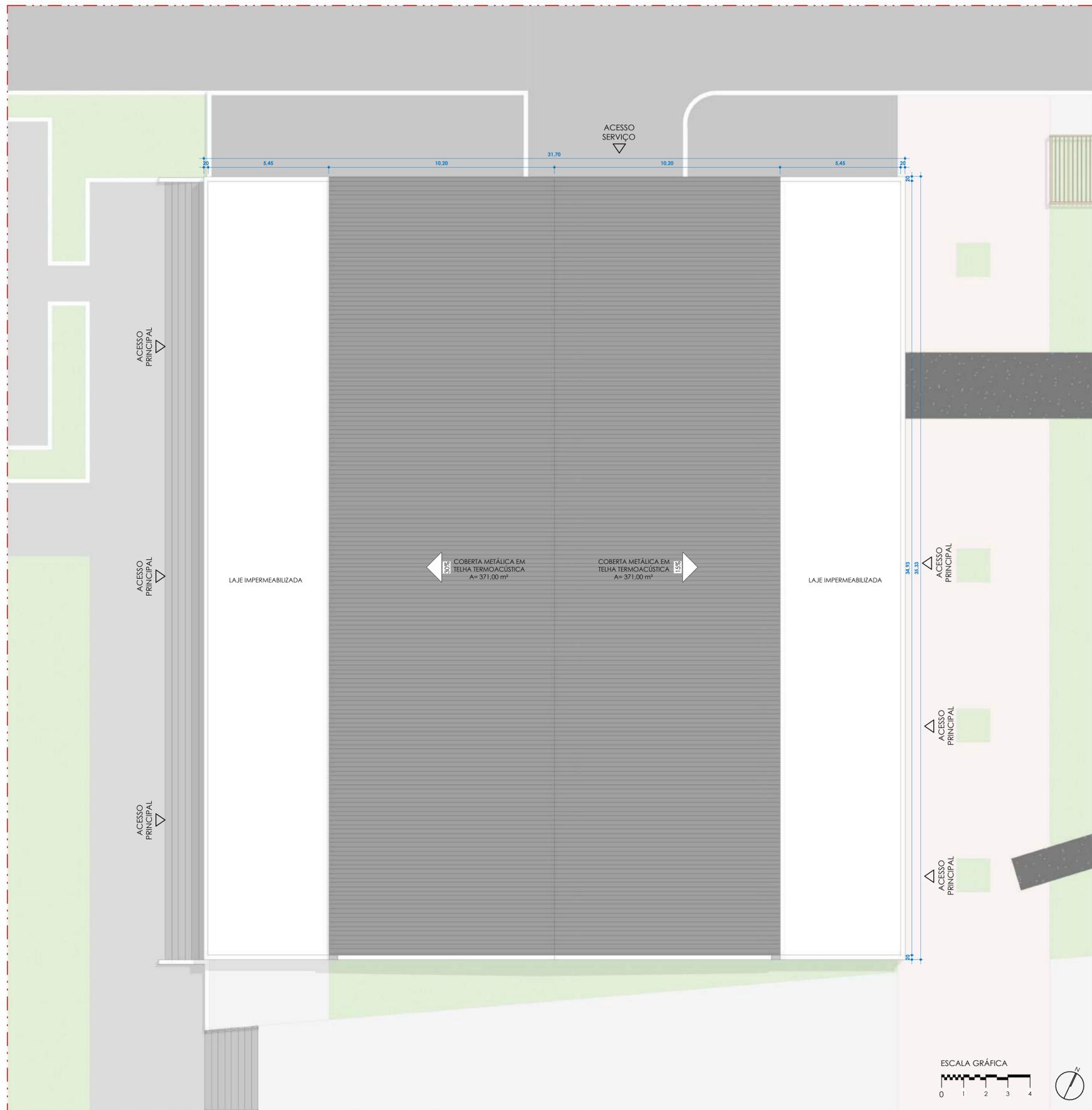
2 **Corte 4**
1 : 100



3 **Corte 5**
1 : 100

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO - ARQUITETURA E URBANISMO

| | | |
|--|--|--|
| PROJETO: CATIVAR, ANTEPROJETO DE RENOVACÃO E (RE)ADAPTAÇÃO DE UMA ESTRUTURA FABRIL NA CIDADE DE VITÓRIA DE SANTO ANTÃO - PE | ENDEREÇO: R. SILVINO LOPES, S.N. - CAJÁ, VITÓRIA DE SANTO ANTÃO - PE | AUTORA: MISAEL DOS SANTOS SILVA JUNIOR |
| DESENHO: CORTES QUADRA | DATA: MARÇO/2024 | ESCALA: 1 : 100 |
| | | ORIENTADORA: LUCIANO LACERDA MEDINA |



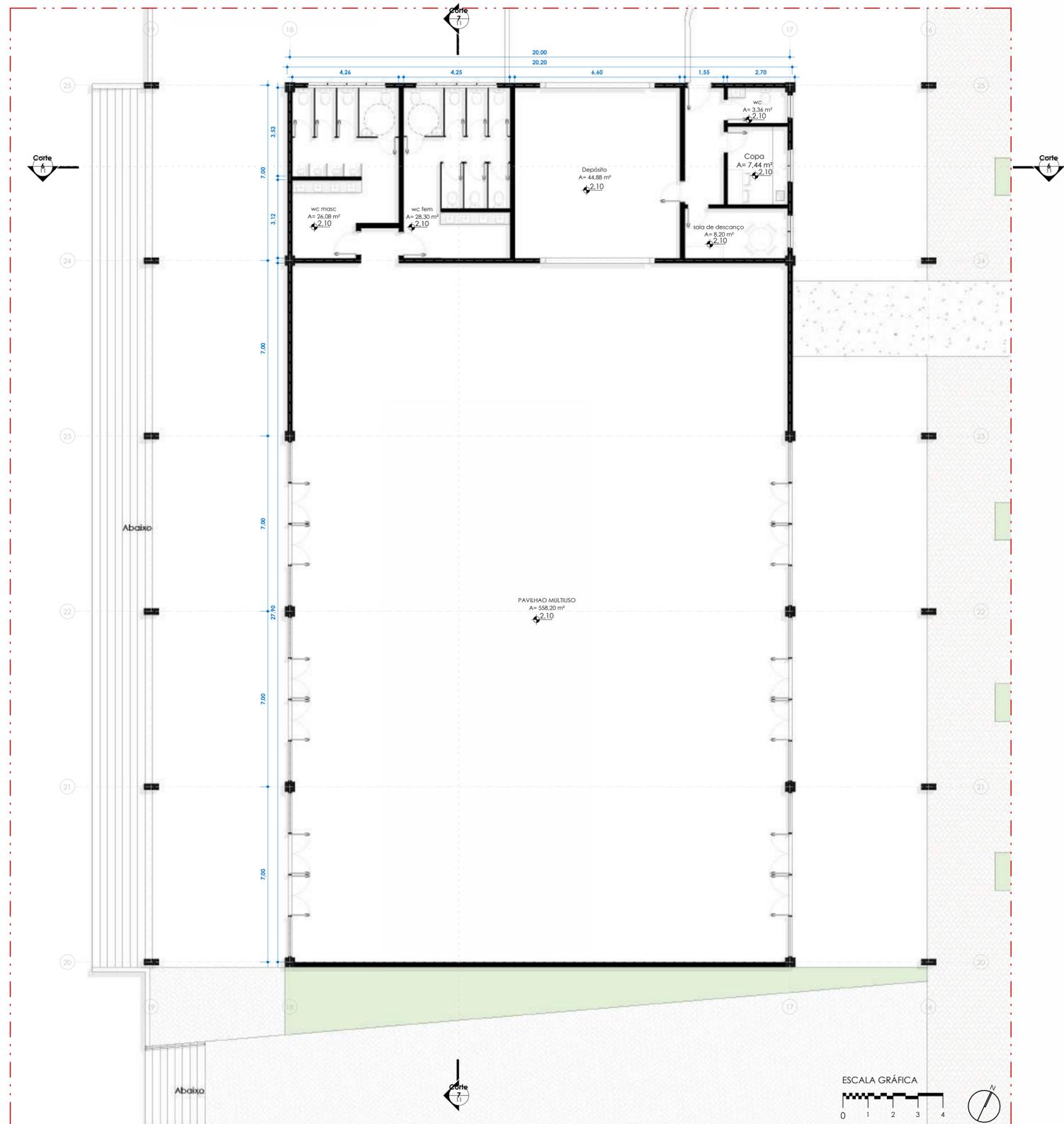
1 COBERTA PAVILHÃO
1 : 100



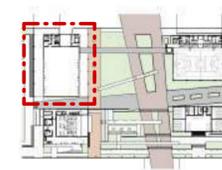
2 PLANTA CHAVE PAVILHÃO COBERTA
1 : 2000

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO - ARQUITETURA E URBANISMO

| | | |
|---|---|---|
| PROJETO: CATIVAR, ANTEPROJETO DE RENOVAÇÃO E (RE)ADAPTAÇÃO DE UMA ESTRUTURA FABRIL NA CIDADE DE VITÓRIA DE SANTO ANTÃO - PE | ENDEREÇO: R. SILVINO LOPES, S.N. - CAJÁ, VITÓRIA DE SANTO ANTÃO - PE | AUTORA: MISAEL DOS SANTOS SILVA JUNIOR |
| DESENHO: COBERTA PAVILHÃO | DATA: MARÇO/2024 | ESCALA: Como indicado |
| | | ORIENTADORA: LUCIANO LACERDA MEDINA |



1 PAVILHÃO
1 : 100

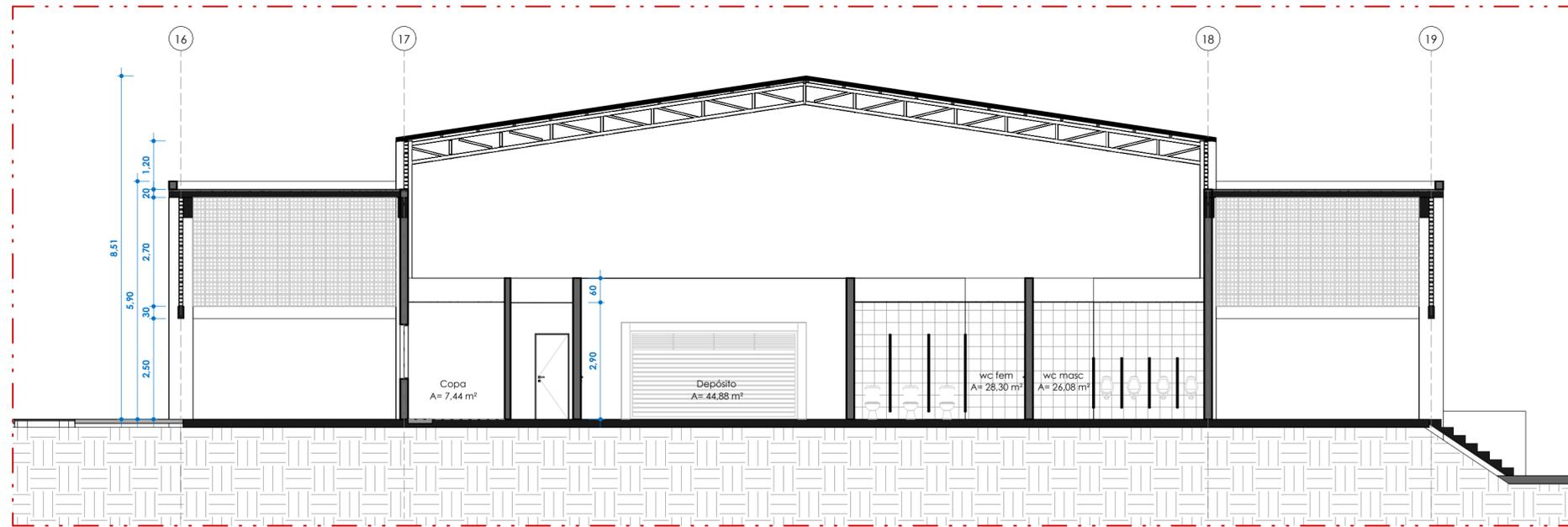


2 PLANTA CHAVE PAVILHÃO
1 : 2000

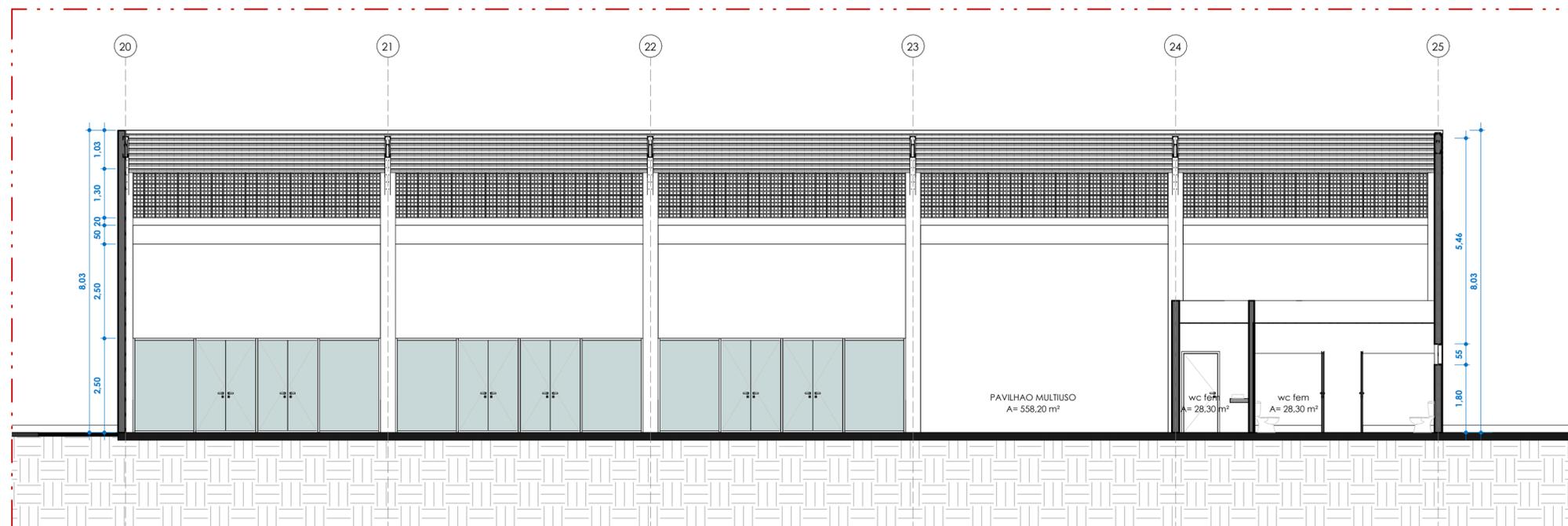


TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO - ARQUITETURA E URBANISMO

| | | |
|---|---|--|
| PROJETO: CATIVAR, ANTEPROJETO DE RENOVAÇÃO E (RE)ADAPTAÇÃO DE UMA ESTRUTURA FABRIL NA CIDADE DE VITÓRIA DE SANTO ANTÃO - PE | ENDEREÇO: R. SILVINO LOPES, S.N. - CAJÁ, VITÓRIA DE SANTO ANTÃO - PE | AUTORA: MISAEEL DOS SANTOS SILVA JUNIOR |
| DESENHO: PLANTA BAIXA PAVILHÃO | DATA: MARÇO/2024 | ESCALA: Como indicado |
| | | ORIENTADORA: LUCIANO LACERDA MEDINA |



1 **Corte 6**
1 : 100

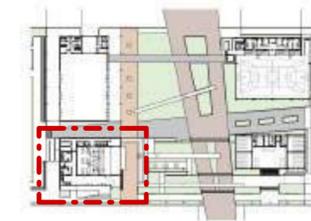
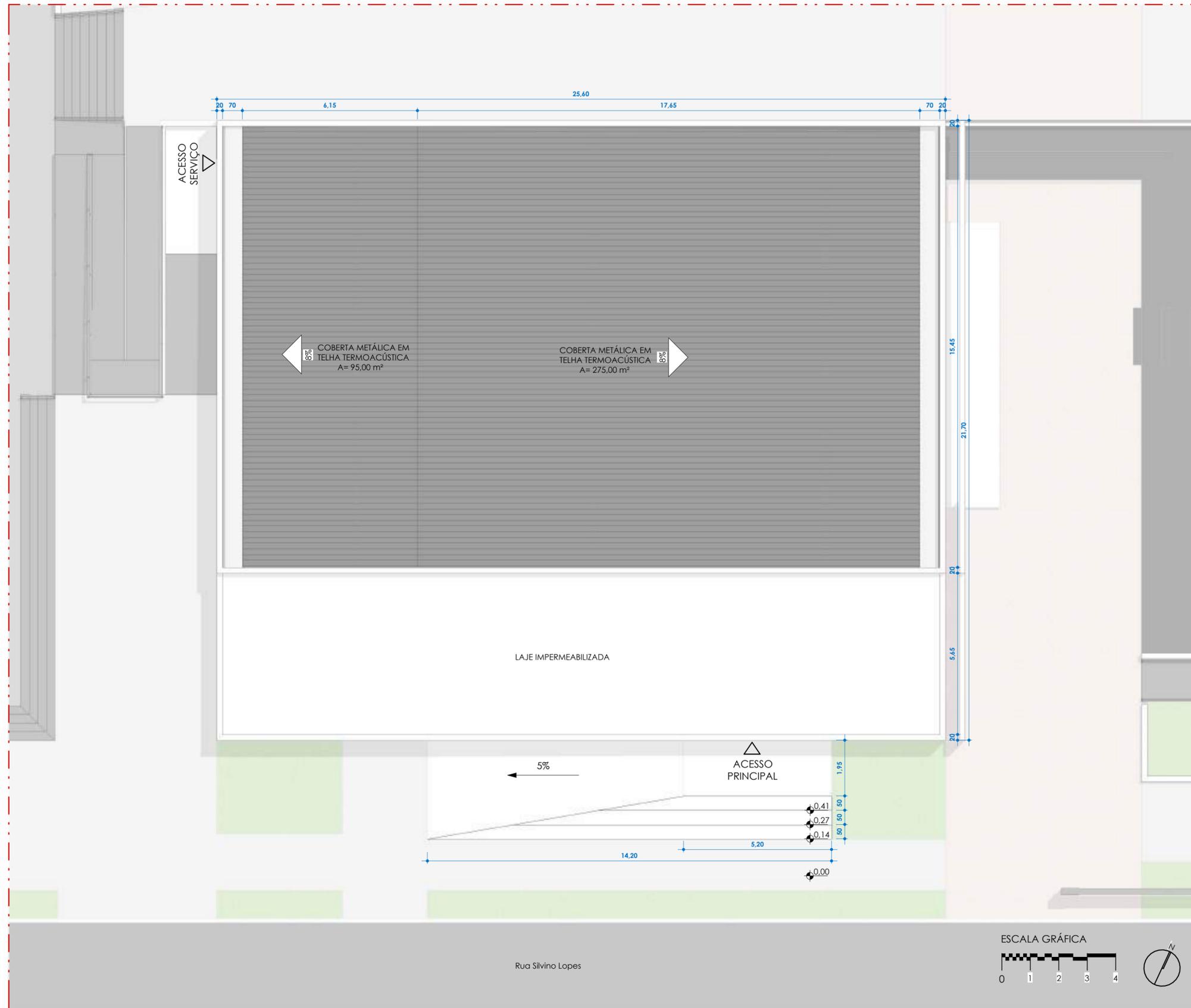


2 **Corte 7**
1 : 100

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO - ARQUITETURA E URBANISMO

| | | |
|---|--|---|
| PROJETO: CATIVAR, ANTEPROJETO DE RENOVAÇÃO E (RE)ADAPTAÇÃO DE UMA ESTRUTURA FABRIL NA CIDADE DE VITÓRIA DE SANTO ANTÃO - PE | ENDEREÇO: R. SILVINO LOPES, S.N. - CAJÁ, VITÓRIA DE SANTO ANTÃO - PE | AUTORA: MISAEEL DOS SANTOS SILVA JUNIOR |
| DESENHO: CORTES PAVILHÃO | DATA: MARÇO/2024 | ESCALA: 1 : 100 |
| | | ORIENTADORA: LUCIANO LACERDA MEDINA |





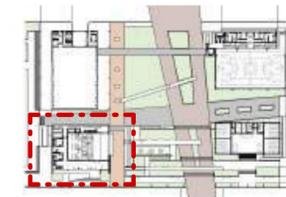
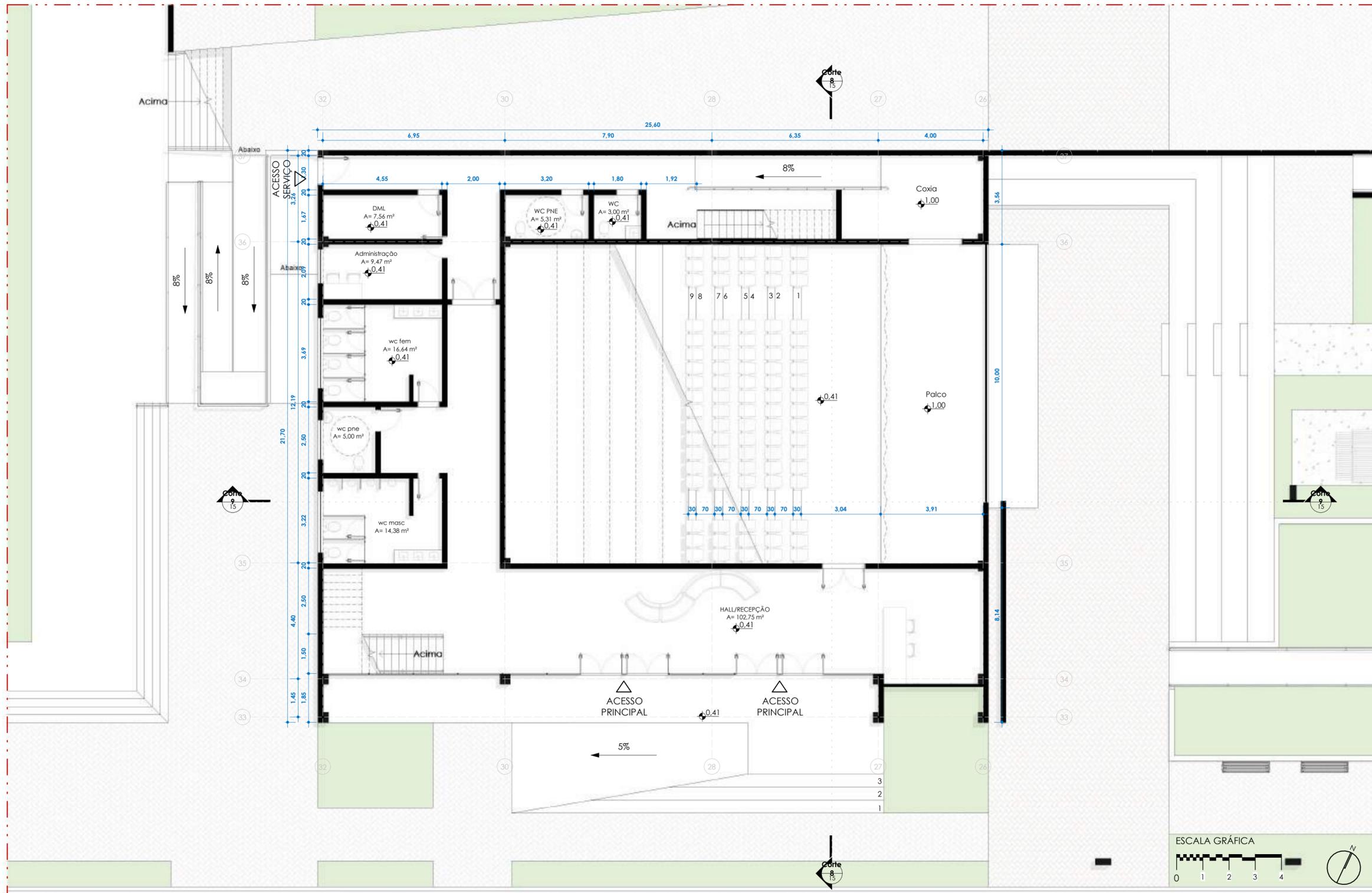
2 PLANTA CHAVE AUDITÓRIO COBERTA
1 : 2000

1 COBERTA AUDITÓRIO
1 : 100

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO - ARQUITETURA E URBANISMO

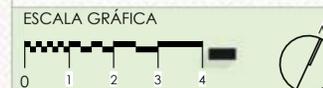
| | | |
|---|---|---|
| PROJETO: CATIVAR, ANTEPROJETO DE RENOVAÇÃO E (RE)ADAPTAÇÃO DE UMA ESTRUTURA FABRIL NA CIDADE DE VITÓRIA DE SANTO ANTÃO - PE | ENDEREÇO: R. SILVINO LOPES, S.N. - CAJÁ, VITÓRIA DE SANTO ANTÃO - PE | AUTORA: MISAEI DOS SANTOS SILVA JUNIOR |
| DESENHO: COBERTA AUDITÓRIO | DATA: MARÇO/2024 | ESCALA: Como indicado |
| | | ORIENTADORA: LUCIANO LACERDA MEDINA |





2 PLANTA CHAVE AUDITÓRIO
1 : 2000

1 AUDITÓRIO
1 : 100



TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO - ARQUITETURA E URBANISMO

PROJETO:
CATIVAR, ANTEPROJETO DE
RENOVAÇÃO E (RE)ADAPTAÇÃO DE
UMA ESTRUTURA FABRIL NA CIDADE
DE VITÓRIA DE SANTO ANTÃO - PE

ENDEREÇO:
R. SILVINO LOPES, S.N. - CAJÁ, VITÓRIA
DE SANTO ANTÃO - PE

AUTORA:
MISAEEL DOS SANTOS
SILVA JUNIOR

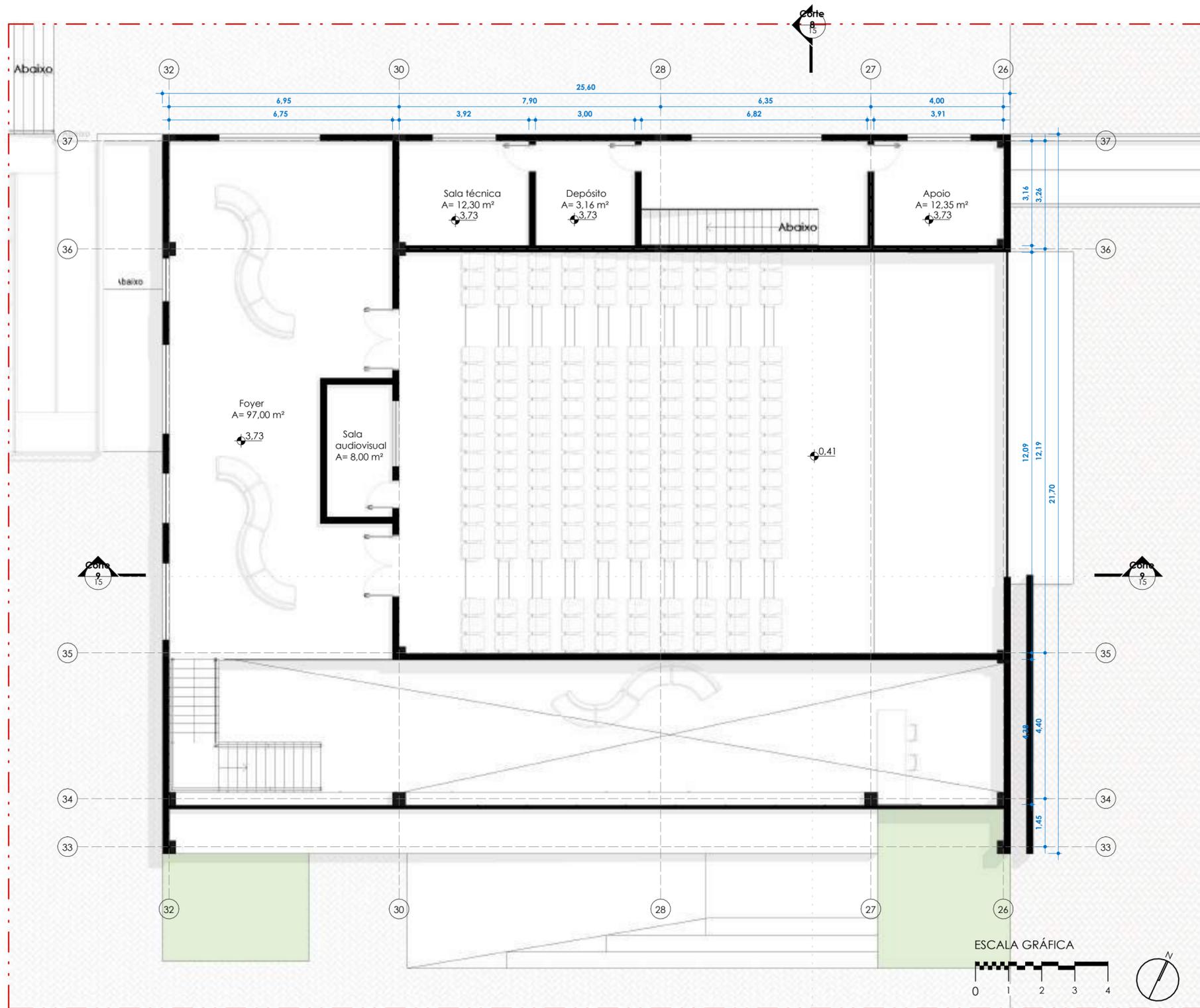
DESENHO:
PLATA BAIXA AUDITÓRIO

DATA:
MARÇO/2024

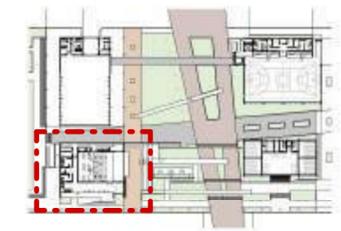
ESCALA:
Como
indicado

ORIENTADORA:
LUCIANO LACERDA
MEDINA





1 AUDITÓRIO 1º PAV
1 : 100

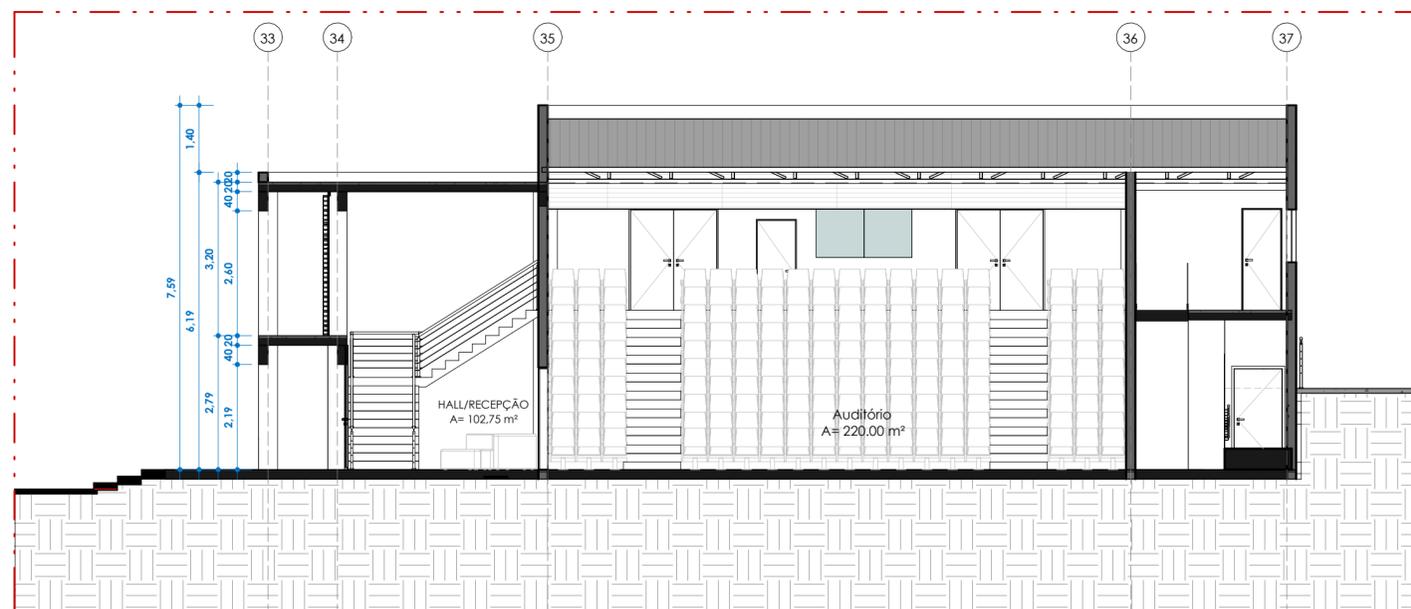


2 PLANTA CHAVE AUDITÓRIO 1
1 : 2000

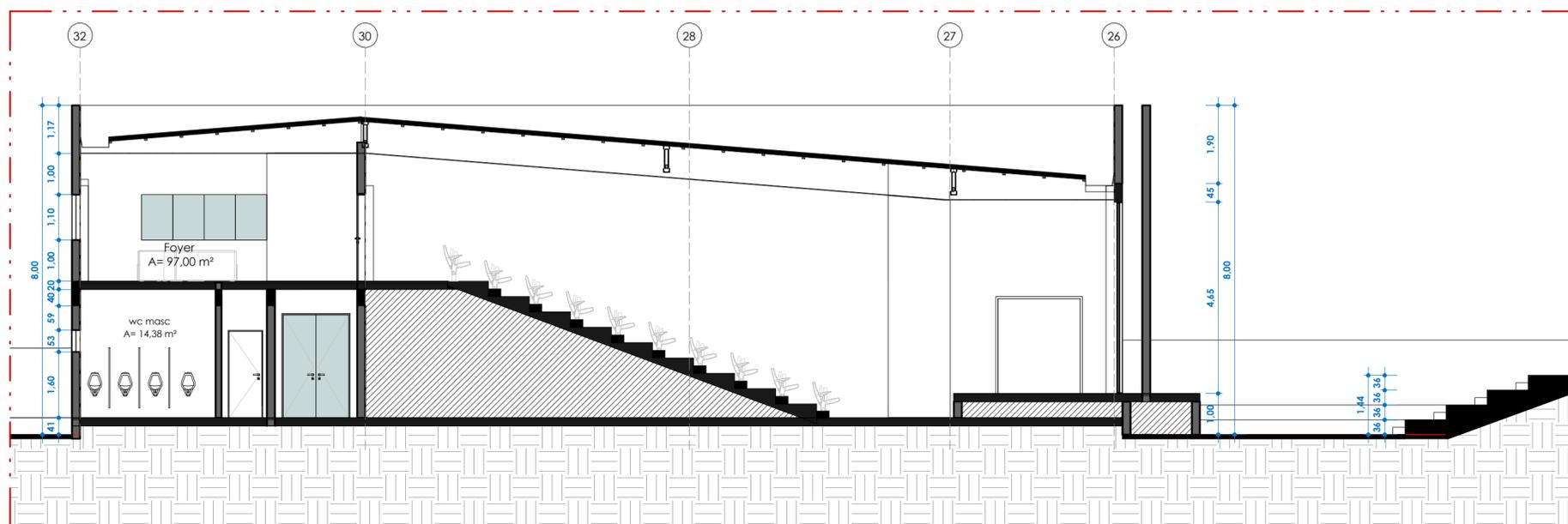
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO - ARQUITETURA E URBANISMO

| | | |
|---|---|---|
| PROJETO: CATIVAR, ANTEPROJETO DE RENOVAÇÃO E (RE)ADAPTAÇÃO DE UMA ESTRUTURA FABRIL NA CIDADE DE VITÓRIA DE SANTO ANTÃO - PE | ENDEREÇO: R. SILVINO LOPES, S.N. - CAJÁ, VITÓRIA DE SANTO ANTÃO - PE | AUTORA: MISAEI DOS SANTOS SILVA JUNIOR |
| DESENHO: PLANTA BAIXA AUDITÓRIO 1º PAV | DATA: MARÇO/2024 | ESCALA: Como indicado |
| | | ORIENTADORA: LUCIANO LACERDA MEDINA |





1 **Corte 8**
1 : 100



2 **Corte 9**
1 : 100

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO - ARQUITETURA E URBANISMO

| | | |
|---|--|---|
| PROJETO: CATIVAR, ANTEPROJETO DE RENOVAÇÃO E (RE)ADAPTAÇÃO DE UMA ESTRUTURA FABRIL NA CIDADE DE VITÓRIA DE SANTO ANTÃO - PE | ENDEREÇO: R. SILVINO LOPES, S.N. - CAJÁ, VITÓRIA DE SANTO ANTÃO - PE | AUTORA: MISAEEL DOS SANTOS SILVA JUNIOR |
| DESENHO: CORTES AUDITÓRIO | DATA: MARÇO/2024 | ESCALA: 1 : 100 |
| | | ORIENTADORA: LUCIANO LACERDA MEDINA |





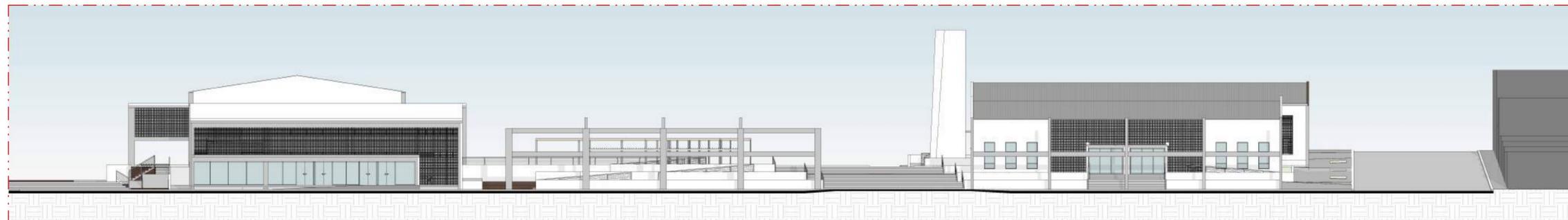
① ELEVACÃO 1
1 : 200



② ELEVACÃO 2
1 : 200



③ ELEVACÃO 3
1 : 200



④ ELEVACÃO 4
1 : 200

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO - ARQUITETURA E URBANISMO

| | | |
|---|--|---|
| PROJETO: CATIVAR, ANTEPROJETO DE RENOVAÇÃO E READAPTAÇÃO DE UMA ESTRUTURA FABRIL NA CIDADE DE VITÓRIA DE SANTO ANTÃO - PE | ENDEREÇO: R. SILVINO LOPES, S.N. - CAJÁ, VITÓRIA DE SANTO ANTÃO - PE | AUTORA: MISAELE DOS SANTOS SILVA JUNIOR |
| DESENHO: FACHADAS | DATA: MARÇO/2024 | ESCALA: 1 : 200 |
| | | ORIENTADORA: LUCIANO LACERDA MEDINA |



APÊNDICES

08

APÊNDICE Q



APÊNDICE Q



APÊNDICE Q



APÊNDICE Q



APÊNDICE Q



APÊNDICE Q



APÊNDICE Q



APÊNDICE Q



APÊNDICE Q



APÊNDICE Q



APÊNDICE Q



APÊNDICE Q



APÊNDICE Q



APÊNDICE Q



APÊNDICE Q



APÊNDICE Q



APÊNDICE Q



APÊNDICE Q



APÊNDICE Q



APÊNDICE Q



APÊNDICE Q

